# O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, excepto Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 19 DE JUNHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:365


## A crise

O governo ou se demittia, ou recorria á corôa pedindo a dissolução. Ha muitos dias, ha mais de um mez, que nós viamos essa sahida como a unica compativel com a extraordinaria falta de coragem de que, desde que subiu ao poder, vinha dando provas o ministerio progressista.

Não sabemos, a esta hora, que solução dará o rei ao problema. Mas que o problema é grave, não ha duvida nenhuma. E é grave pela falta de coragem, a absoluta falta de coragem, de capacidade, de sinceridade, de *todos* os nossos homens publicos.

Tres coisas são precisas, n'este momento historico, para salvar a patria portugueza: sinceridade, e dizendo sinceridade dizemos honestidade pessoal e honestidade publica; capacidade e coragem.

Sem coragem de nada vale a honestidade ou a sinceridade e de nada vale a capacidade para a solução dos problemas governativos. Por outro lado, não ha coragem, no sentido em que estamos falando, verdadeira coragem, sem que lhe assista a capacidade e a sinceridade.

E' já rara qualquer d'estas qualidades nos homens publicos portuguezes. E as tres, reunidas, são rarissimas. Nem chegamos a saber se alguem as possue n'esta infeliz terra portugueza.

Ignoramos — e lamentamo-lo — o que o rei resolverá. Hoje é quinta feira. E a primeira pagina do *Povo de Aveiro* entra na machina ás sextas feiras de manhã.

O ministerio não tem desculpa. Não tem desculpa nenhuma. O ministerio tem procedido ignobilmente. O ministerio, ou o rei lhe dê, ou não dê a dissolução, é um ministerio morto no conceito do paiz. No conceito de tudo aquillo que é sincero e intelligente no paiz. Não o queriamos dizer antes das coisas chegarem ao ponto em que estão. Mas desde que chegaram, diga-se.

E não é um ministerio morto no conceito da gente honesta e intelligente, pela questão do Credito Predial ou pelo questão Hinton. Não, que tanta responsabilidade teem ahi os regeneradores—sabe-o todo o mundo — como teem os progressistas. E' um ministerio morto, desacreditado, perdido, unicamente pelo seu desfallecimento, pela sua fraqueza, pela sua covardia.

O ministerio não teve comprehensão das circumstancias, ou, se a teve, faltou-lhe a coragem e o civismo para arcar com os perigos. O ministerio não viu que havia, que ha um problema em Portugal que sobreleva n'este instante a todos os outros problemas, o problema da ordem publica, e que ou se resolve, ou succumbem deante d'elle, e esmagados por elle, todos os ministerios, a seguir o regimen e por fim a propria patria portugueza.

Havia perigo em applicar o regimento? Havia um perigo maior que todos os perigos: deixar profundar ainda mais o espirito da indisciplina. Deixar que a desordem chegasse ao extremo de tornar uma bandalheira tudo tsto. E' a consequencia fatal da fraqueza. Chega a ponto em que já nem é fraqueza. E' bandalhice. E' pulhismo.

Foi isso o que matou o ministerio. O que o cobriu d'ignominia.

Comtudo, as circumstancias são tão tristes, tão deploravelmente tristes, que a melhor solução que o rei tem deante de si é, ainda, manter o ministerio.

E' triste. E' o mais triste de tudo. Todavia . . . é o unico recurso.

O rei tem de *supprir* a fraqueza, a deficiencia, a immoralidade dos partidos. Pode com esse papel? Sabe-lo-hemos.

Tanto é essa a *melhor solução*, mesmo a *unica solução*, que a ella chegaremos *fatalmente*. Se o rei não concede a dissolução, será *fatalmente* compellido—a não ser que enverede por um caminho de ruina — a chamar *novamente* um chefe progressista

Pois a quem ha de o rei dar o poder? Aos regeneradores, não. E' impossivel. Por muitos titulos impossivel. Não havia de conceder aos regeneradores a dissolução que negou aos progressistas. A um ministerio nephelibata ou extra-partidario? Não, desde que o rei se colloque no terreno de manter a camara dos deputados a todo o transe, até ao fim.

Ora n'este caso, só ha um ministerio viavel: o ministerio progressista. Ou um ministerio sahido da colligação henriquista-progressista.

Se, por um momento, podessemos estar no logar do poder moderador, deixariamos cahir o ministerio. Ja estava em terra a estas horas. Sobre a base de negar a dissolução a toda a gente, iriamos encarregando dois ou tres chefes politicos de organisar outro governo. E' evidente que, sobretudo havendo alguma habilidade da parte dos progressistas, elles succumbiriam na tarefa. Depois de haverem naufragado, eu chamaria segunda vez o sr. Beirão a organisar um novo gabinete. E dir-lhe-hia ao ouvido: « Agora não me traga para cá uns *bananas* como os outros.»

Era uma situação esplendida. Um grande serviço á causa da ordem e, ao mesmo tempo, um codilho formidavel nos opposicionistas. Não queriam dissolução? Pois estava bem. Não haveria dissolução. O sr. Beirão libertava-se, n'um novo ministerio, dos trambolhos que o o embaraçavam gravemente. Aproveitava os ministros resolutos da situação cahida. E addicionava-lhe outros, de animo egualmente decidido. O rei mantinha-se no *terreno constitucional*, não dissolvia a camara, tapava a bocca aos exploradores da opposição e o novo governo, já com homens para isso, applicava então . . . o regimento.

Não sabemos o que o rei fará. Mas a manobra era habil. Eram tres coelhos de uma *cajadada*. A camara subjugada. A promessa de a não dissolver, mantida. E o ministerio actual,—que não presta, que não está á altura das circumstancias, que não pode subsistir, que é um perigo,—*reconstituido*. Uma cajadada mestra. Decisiva.

E' natural que o rei não siga este caminho e que opte pela dissolução. Do mal o menos. Faz bem. Mas se entrega o poder aos regeneradores, ou deixa que um ministerio extra-partidario faça as eleições, é um erro tremendo.

O primeiro problema n'esta terra, tornamos e tornaremos a dize-lo, é o da ordem publica. Convençamo-nos todos d'isso. N'esta desordem, não fazemos nada. Desordem que, a proclamar-se a republica, se aggrava notavelmente. Por isso mesmo, todos aquelles que sejam republicanos sinceros e amantes da sua patria não podem deixar de reconhecer que a monarchia é uma necessidade de *momento*. Por culpa do partido republicano, exclusivamente. Mas é uma necessidade de *momento*. Alem do paiz não ter educação democratica *absolutamente nenhuma*, alem de não ter a *menor preparação para a republica*, os principios venenosos espalhados pelo partido republicano, a desordem e a anarchia que elle generalisou e aggravou são de tal ordem, tão dissolventes, tão profundas, que a republica seria a primeira victima da obra nefasta dos republicanos. E com ella, dada a grande desmoralisação, a tremenda desmoralisação das camadas dirigentes do republicanismo, dada a má vontade, fatal, da Europa monarchica contra o novo regimen, e com ella a autonomia do paiz.

A monarchia é uma *necessidade de momento*, se o rei souber apoiar-se solidamente nas classes conservadoras para luctar contra as quadrilhas politicas, mantendo e impondo a causa da ordem, atravez de tudo.

Onde não ha ordem não ha trabalho, não ha progresso, não ha vida possivel. E não ha nada que se imponha mais que a energia.

O rei que tenha em vista estas verdades elementares e que sobre ellas proceda.

Quanto mais se transige com a desordem, peor.

Ai de quem mostra medo d'ella! A canalha teve sempre desprezo e foi sempre impiedosa com a fraqueza. E teve sempre respeito e admiração pela energia e pela força.

E' certo que quando a desordem alastrou e profundou, quando adquiriu foros de lei ou de costume, ha perigo em a reprimir. Mas é um perigo incerto.

Geralmente, triumpha a energia. Perigo certo, porem, certissimo, é o da transigencia, é o da abdicação deante da anarchia. Esta conduz *sempre* ao perigo. Com a energia triumpha-se muita vez. Com a fraqueza *não se triumphou nunca*.

O rei tem em frente de si um inimigo irreductivel e terrivel. Sedento de sangue e dos dinheiros do thesouro. Que o não poupa. Que lhe não perdoa. E' o partido republicano. E todos aquelles que, directa ou indirectamente, fizerem causa commum com elle, não fazem obra de liberdade, ou de moralidade, ou de democracia; fazem obra contra o throno e, ao mesmo tempo, obra d'anarchia.

Ai do rei, se se deixa arrastar pelo canto da sereia ou pelas lagrimas do crocodilo. Se a uma questão de ordem publica, uma questão gravissima no estado em que se encontra a sociedade portugueza, de vida ou de morte para o paiz, sobrepõe *escrupulos ridiculos*, como seria esse, por exemplo, de não querer dissolver, em caso algum, o alcouce de S. Bento.

Se o fizer, se levar o desalento ás classes conservadoras, — o rei fraco faz fraca a forte gente — se em vez de se apoiar n'ellas preferir obtemperar aos especuladores e aos bandidos, está irremediavelmente perdido.

E com elle, tudo isto.

## Guerra aberta

Nunca lemos a *Alma* do sr. Antonio José de Almeida. Mas vemos pelo *Cornetim do Margarido* que o bondoso coração escreveu estas palavras:

*O partido republicano tem, pois, o dever de combater sem treguas, no desempenho da sua missão historica, o governo actual. Em segundo logar, o partido Republicano tem contas especiaes a ajustar com o ministerio do sr. Beirão. Além dos motivos de ordem politica, ha motivos de ordem pessoal, digamos assim, pelos quaes somos levados a fazer-lhe uma guerra encarniçada e sem quartel. O governo do sr. Beirão tem-nos perseguido, e tem-nos difamado. A guerra verdadeiramente canibalesca, movida, com o pretexto de associações secretas, ás classes mais humildes do Partido Republicano; as investigações inquistoriaes ácerca do regicidio; as perseguições cavilosas, sob o pretexto de conspirações revolucionarias, exercidas contra conhecidos republicanos; as insinuações tendenciosas a respeito do crime de Cascaes e tantos outros factos odiosos que o governo tem posto em pratica contra nós,—tudo isso vem mostrar que seriamos uns badamecos sem energia uns pataratas sem senso politico e uns idiotas sem senso commum, se não guerreassemos este governo de uma maneira implacavel. Temos mais que o dever, temos a obrigação de o hostilisar em toda a linha. Faremos algum bem, de passagem, e involuntariamente, ás oposições? Não importa, porque esse bem é compensado por duas coisas de indiscutivel alcance politico: o mal que fazemos agora a este governo e o mal que havemos de fazer depois, a quantos se seguirem, levados sempre no impeto deste principio inabalavel: a derruição de ministerios é prologo do desabar da monarchia.*

As insinuações tendenciosas a respeito do crime de Cascaes! O homem honrado! O bondoso coração!

Diffama-os! O governo diffama-os!

Mas ei-los definidos. E tanto e tão bem que o Margarido commenta:

*«Jubilosamente transcrevemos estas eloquentes palavras do prestigioso caudilho republicano que se ajustam ás opiniões sempre expressas no «Mundo».*

Foi o melhor elogio que elles fizeram ao governo. Falta agora, só, que o rei faça causa commum com elles!

E fica a obra completa.

## Vinte por cento

Diz o sr. Botto Machado, no *Cornetim da Margarida:*

«Eu espero que a Republica portuguesa nos dê, logo de entrada, a separação da Igreja e do Estado, e o ensino pelo menos laico.

Espero que criará muitas escolas, nos dará muita instrucção, uma legislação democratica e protectora do trabalho e da sua organisação, para a solução do conflicto com o capital.

Espero que ella seja o que tem sido a Republica francesa de Waldeck-Rousseau para cá, principalmente o que ella está sendo com Briand.

Se o não fôr, tanto peor para ella, que me terá a mim, e a muitos que pensam como eu, como os seus peores e mais esforçados inimigos».

Coitado! Não ha de haver o perigo da republica portugueza ter o Botto *e os seus amigos* contra ella. A republica portugueza não lhe dá, ao Botto, nem a separação da Egreja do Estado, nem as escolas, nem a legislação protectora do trabalho. Mas dá-lhe *vinte por cento*, para começo do *communismo libertario*, e o Botto. . . fica contente. E ainda faz figura de generoso a . . . *vinte por cento!*

Elle ha cada pandilha, por esse partido republicano! . . .

## Os cães de Galata

Leio no jornal francez *La Dépêche* um interessante artigo sobre os cães de Constantinopla.

Como é sabido, em Constantinopla ha uma grande quantidade de cães. São os cães em Constantinopla e os politicos e os gatos em Lisboa. Ora, segundo o auctor do artigo referido, os caes de Constantinopla eram — e dizemos *eram* porque a Joven Turquia resolveu agora extermina-los—exemplarissimos em cumprir as leis, *feitas por elles proprios e para uso proprio.*

Até os cães de Constantinopla tinham ordem! Até os cães de Constantinopla eram decentes! E atrevia-se o Arroyo, com Borrachos, Affonsos Costas, Alpoins, Teixeiras de Souzas muito abaixo dos cães de Constantinopla, a falar no *Bosphoro* para deprimir Lisboa!

*Sous le règne d'Abdul-Hamid, tout le monde y était esclave. Il n'y avait que les chiens qui fussent libres, d'une liberté magnifique, farouche et misérable. Et ils ont leurs lois. Si étrange que cela puisse paraitre, après les avoir étudiées longtemps en compagnie du docteur Remlinger, chef de l'Institut Pasteur de Constantinople, j'affirme qu'ils ont leurs lois. Et ils sont soixante mille: tout un peuple.*

Estes sessenta mil cãesinhos portavam-se com toda a decencia e pudor, deixando a perder de vista os trinta ou quarenta animaesinhos que, na camara dos deputados e na camara dos pares, d'esta nobre nação portugueza, teem escandalisado todo o mundo.

Assim, não mordiam em ninguem. E o malandro do Borracho, como se sabe, tem mordido toda a gente.

*On ne peut dire qu'elles (bêtes) soient sauvages ou méchantes: jámais aucune n'a mordu un homme; mais elles n'appartiennent à aucun homme.*

Viviam em tribus, e cada tribu no seu bairro. Era tamanho o seu espirito d'ordem, e a sua obediencia á lei, que por mais fome que tivessem os d'uma tribu não eram capazes d'entrar nos limites das tribus alheias.

*Chose étrange pourtant, ces chiens sont passionnés de caresses. Si vous avez le malheur d'en toucher un, il vous suivra, l'œil calin, en remuant la queue, et tous ses camarades l'imiteront. Mais bientôt, à un point donné, ils s'arrêtent court et refusent d'aller plus loin. Offrez-leur du pain, du sucre, de la viande, du raisin même—ils adorent le raisin mûr—leurs machoires écumeront de concupiscence, mais ils ne feront point un pas.*

E porque? Porque não avançam elles nem mais um passo? Porque chegaram ao limite do seu bairro. Se avançarem, os cães do outro bairro, do *bairro invadido*, atiram-se a elles e trava-se uma batalha d'effeitos desastrosos. Os cães, diplomatas, só se atrevem a correr esses perigos quando a fome é tanta que os obriga aos recursos extremos. Se morrem de fome, que importa morrer no campo da batalha?

Como se vê, em tudo e por tudo os cães de Constantinopla são mais atilados, mais diplomatas, mais respeitadores da lei, da ordem, das conveniencias geraes, do decôro publico, mais *patriotas*, que os politicos em Portugal. E mais . . . *humanitarios*. Querem vêr?

*Tant qu'une femelle nourrit ses petits, on doit lui laisser le champ libre—dans l'intérieur du quartier—pour chercher la nourriture.*

Este capitulo nunca o sr. D. Alberto Bramão poz na sua lei do divorcio.

Sr. D. Alberto, vá apprender a Constantinopla! Ahi verá que nenhuma cadella, *emquanto não tem os filhos creados*, se mette de gorra com os machos, e que nenhum macho, *emquanto a cadella não tem os filhos creados*, a desinquieta nem lhe falta com alimento. Ainda que elle morra de fome! Assim, sim. Pode haver amor livre e divorcio. Depois. . .

*Une fois les petits élevés, la femelle n'a pas à prétexter de son sexe pour obtenir un traitement de faveur. On peut lui donner des coups de dents, comme à un mâle.*

Eis o verdadeiro . . . feminismo! Emquanto ha filhos, os filhos acima de tudo. Depois. . . dentada brava. Os machos que mordam as femeas, já que ellas querem ser eguaes aos machos, e as femeas, pois que teem eguaes direitos, que respondam . . . com dentadas.

Mas onde a sociedade canina de Constantinopla dá verdadeiras licções á sociedade humana de Portugal, é no religioso respeito pela. . . bolsa alheia.

*Seuls appartiennent aux chiens les rogatons qui trainent dans la rue, ou ceux que les hommes accordent, par un geste certain. On ne doit rien prendre aux étalages. La raison de cette prohibition, c'est que les hommes rendraient tous les chiens d'un quartier responsables du larcin d'un seul, et les tueraient.*

*Cette prohibition est donc scrupuleusement respectée. En hiver il meurt plus de cent chiens par jour á Constantinople: de misère! On voit les survivants claquer des dents, affamés devant la porte des boucheries, sans jamais happer un morceau de viande.*

Hein? Que diz a isto a nossa tribu politica dos Galatas?

Os portuguezes precisavam d'ir a Constantinopla, uns apprender a ser homens, outros apprender . . . a ser cães. Apprender a ser homens para enforcar ladrões. E apprender a ser cães para. . . com medo do castigo respeitar os bens alheios.

Que maravilha, se os cães de Galata que se chamam Affonso Costa, Cunha e Costa, Arroyo, Centeno, José d'Azevedo e *tutti quanti*, se convertessem em cães de Constantinopla!

Porque na Turquia tambem ha cães ladrões: são os de Galata.

*Il existe pourtant une tribu de chiens voleurs. Ce sont ceux du pont de Galata. L'expérience est facile à faire. Il n'y a qu'à acheter un petit pain d'un sou et à le mettre dans la poche de sa jaquette, de façon que l'extrémité en soit visible. Tous les chiens, dans toutes les rues, viennent le flairer, puis baissent le nez mélancoliquement. Aussitôt qu'on est sur le pont, au contraire, le pain est happé. E cela s'explique: sur le pont, il n'y a que des passants, et non pas d'habitants fixes: le vol est donc sans danger.*

E eis aqui como a ponte de Galata se transferiu para Portugal, e como o unico remedio, para salvar este paiz *devorado*, seria converter em cães de Constantinopla . . . os cães de Galata.

## Queira desculpar

*Diz, na «Lucta», o Cabrito Macho:*

A *nota* do Directorio, hontem publicada, foi como um marmelo para certos patriotas de soalheiro. Não a enguliram; ficou-lhes entalada nas guelas, o que deve causar-lhes embaraços á emissão . . . de asneiras.

Contavam com escandalo? Como se as coisas, no partido republicano, se resolvessem á sua maneira!

*«Queira desculpar», mas toda a gente sabe como as coisas se resolvem no partido republicano. E' á maneira do Cunha e Costa e do Cabrito Macho.*

*O Cunha e Costa tem dois prismas: «Unha e Gosta» e . . . «Apanha e Gosta». E o Cabrito Macho grama os dois: o «Unha e Gosta» e o . . . «Apanha e Gosta».*

*Vae bufando, mas vae gramando.*

*A' força de gramar até parece Cabrito Femea, o diabo do Cabrito Macho!*

## A este . . . lambe-lhe os beiços!

Escreve mais, na *Lucta*, o Cabrito Macho:

*Está publicado o n.o 9 d'este vigoroso pamphleto, de que é auctor Padua Correia.*

*O summario d'este numero é o seguinte:—«Os bois da disciplina academica; Um biltresinho; Socialismo de manto e corôa.*

*O «Pão nosso» . . . custa 20 reis cada numero, e é, na verdadeira acepção da palavra, um pamphleto feito com talento, com desassombro e com sinceridade.*

E com sinceridade!

De maneira que o Cunha e Costa é *pilula*. Mas o honesto homem, o Padua Correia, é . . . melaço!

E ainda ha quem apregoe a *honradez* do Cabrito Femea... perdão, do Cabrito Macho!

Ao Cunha e Costa *grama-o*. Mas ao Padua, *chupa-o*, como rebuçado!

## O Zé... Barbosa

Bota outra vez artigo na *Lucta*, o Zé Barbosa. E diz, com aquelle talento que Deus lhe deu, e que não sabemos se o Alpoim já consagrou:

O partido republicano portuguez não é materialmente differente dos outros partidos politicos. Os elementos que o compõem são homens nascidos em Portugal.

Ha duvidas. Pelo menos quanto á segunda parte. E ahi distinguindo ainda entre elementos e homens.

O Calcinhas (Bombardino) e o Magalhães Lima nasceram no Rio de Janeiro. Os outros ha quem diga que nasceram todos entre a Falperra e a Calabria. E os sabios estudam se, propriamente, serão homens.

Do Zé Barbosa sabemos nós ter nascido em Marrocos, e da cabeça . . . d'um dromedario.

# Carta aberta

## AO DIRECTOR

## D'O POVO DE AVEIRO

*Meu querido pae*

DESDE que sahi de Portugal eu nunca mais li jornaes da nossa terra, não só porque, com raras excepções, não gosto de os ler, como ainda porque afadigosas occupações m'o não permittem. Assim, se li e me foi possivel responder por telegramma ás rabiscas do Marinha — que nome tão significativo! — devo-o a um amigo, ou a um inimigo, que teve a boa ideia de m'as enviar para Paris. Eu agradeço á mão desconhecida que, com bom ou ruim proposito, me proporcionou o momento de definir uma situação que urgia definir, dada a maneira verdadeiramente infame como certas creaturas se habituaram a abusar do meu nome, para o jogar, como arma de effeito, contra meu pae.

De facto não é já a primeira vez que vejo, entre milhares de calumnias que costumam dirigir-lhe jornaes republicanos, plumitivos varios accusá-lo de ser mau pae, servindo-se de pequenas questões que tem havido entre nós, com tanta ou tão pouca importancia, que nunca as nossas relações estiveram cortadas mais de seis mezes e uma só vez durante tanto tempo. Eu já tinha visto ha tempos essa accusação, n'um jornal de provincia, e julguei inopportuna qualquer intervenção, porque ninguem deve dar importancia a quem a não tem, e a referida gazeta não tinha nenhuma.

Entretanto surge agora um cavalheiro célebre — célebre era o José do Telhado — que, em linguagem requintada de prégador de aldeia, diz, a par das maiores calumnias, que eu repelli meu pae e o abomino, trocando a affeição paternal pelo convivio com os que o desprezam. Se outros motivos não houvera, eu nem uma palavra diria ao pobre diabo e a minha resposta seria uma estralejante gargalhada a proposito, e, sem indignações pueris que já não são d'esta epoca, um puxão de orelhas quando o encontrasse. Era muito menos trabalhoso e muito mais pittoresco ver o pobre Marinha a chiar, com uma orelha deitada abaixo, do que insultá-lo ou estar a dar-lhe explicações, quando elle não vale, como muito bem sabe, nem uma explicação, nem sequer um insulto. O Marinha é um macacoide, como muitos outros, que se agarrou ao mastro e o quer trepar, servindo-se para isso de todos os meios, mas escorregando sempre com um comico indefinivel, e conservando, de cada trambulhão, uma nova mazella, que se junta ás antigas e cujo conjuncto faz d'elle uma grande e unica chaga, que inspira horror, quando não mette nojo. O meu pae levou-o a serio e deixe-me dizer-lhe que fez mal. Pois alguem pode lá levar a serio esse *triste* sem destino que anda para ahi aos bordos, cheio de feridas no corpo e na alma, symbolo ambulante da miseria humana? Que infantilidade! E eu que estou a perder com elle um tempo precioso, não reparando n'esta grande Paris que vive e trabalha, sem pensar nos outros, que se diverte e zomba tendo sempre nos labios um sorriso de desdem ironico e na alma uma eterna gargalhada de despreso!

Vamos ao que importa.

Eu desafiei telegraphicamente esse desgraçado a que provasse as affirmações feitas. E' claro, não prova nada, coidadito. E, como lhe disse em telegramma, dar-lhe-hei, e quando chegar a Portugal, o correctivo compativel com a sua triste reputação se me não vencer a repugnancia instinctiva que elle me causa. Lá veremos. E, dicto isto, permitta-me, meu pae, que explique aos seus leitores a minha attitude passada e a minha attitude presente, e faça as declarações que se impõem porque, no que diz respeito ás relações que teem existido e existem entre nós, e no que diz respeito ás accusações que lhe são dirigidas, nenhum testemunho é mais insuspeito e tem mais valor do que o meu proprio testemunho.

Durante a minha infancia o meu pae foi sempre meu amigo extremoso e desvelado, cuidando escrupulosamente a minha saude e a minha educação, como a de meus dois irmãos, sacrificando tudo por nós n'um enlevamento de pae carinhoso que outro pensamento não tinha que fazer dos seus filhos homens bons e honestos. Mais amor pelos filhos creio raros paes teem mostrado e raros sacrificam por elles tempo, trabalho e dinheiro, como o meu pae tem sacrificado por nós. E' com reconhecida gratidão que me lembro ás vezes das suas noitadas de trabalho para ganhar, com sacrificio immenso da sua saude, o pão com que nos sustentava, e o vejo atravez das minhas recordações, assentado á sua secretária, com um pesado cobertor sobre os hombros, enlevado na leitura d'uma boa obra ou enchendo nervosamente quartos de papel que constituiam, quasi sempre, obras primas de vigor e de belleza. Era, em geral, perto da meia noite que interrompia o trabalho e me mandava accender a vela, sendo certo que perdia a cabeça se o primeiro phosphoro se apagava, pois o seu espirito de economia não acceitava o *desperdicio formidavel d'um amorpho!* Depois do chá ensinava-me a traduzir a licção do francez ou explicava-me, a largos traços, a Reforma e a Revolução Franceza, deixando-me maravilhado pela sua eloquencia e pela sua extraordinaria erudição. Eu ia-me deitar e via, em sonhos, Vergniaud discursando na Convenção ou Viala, o garoto heroico, gritando n'um ultimo arranco de fidelidade com as bayonetas apontadas ao peito: *Viva a Republica!* Que bellas licções, que bellas licções! E que saudade immensa d'esses tempos que passaram, d'essa atmosphera de independencia e de cultura que se respirava no seu escriptorio, apinhado de livros, quando eu era pequenino!

Um filho doente era para si uma loucura de soffrimento, como é ainda hoje, e quando eu ou algum dos meus irmãos tinha um grau de febre já a sua tranquillidade havia desapparecido e a sua excitação nervosa ganhava o cume, correndo a chamar os medicos, não indo ao quartel, não escrevendo, passando a noite inteira junto de nós, tomando-nos o pulso de cinco em cinco minutos e cercando-nos de todos os cuidados.

Lembra-se, meu pae, d'aquella febre typhoide que tive em Vizeu e que, graças á estupidez dos medicos, me ia a pouco e pouco definhando e emmagrecendo pondo-me a dois passos da morte? Lembra-se, não é verdade? E lembra-se como chorava, commigo nos braços trémulos quando, ao regressar do quartel, entrava no meu quarto e me via, exanime, estendido na cama, pallido e macerado como um pequenino cadaver já sem forças, que se prepara para deixar o mundo, sem d'isso se aperceber? Lembra-se dos esforços que empregava para conter as lagrimas, o meu pae, o homem de ferro, cheio de energia e de resistencia, para que eu não advinhasse o motivo que as produzia? E aquella noite da Pampilhosa, quando me levou para Lisboa, quasi a expirar, aquella noite horrivel que passou junto de mim, dando-me leite, calçando-me, quando se approximava a hora do comboio, as grossas meias de lã que me faziam tanta impressão sobre os ossos descarnados!

Lembra-se, não é assim? A minha imaginação transporta-me aos tempos felizes da minha infancia despreoccupada e revejo-nos na Praia do Pharol quando, depois de almoço, eu lhe pedia para irmos patinhar á praia e o meu pae consentia, depois de ter dicto que não, vendo-me triste e aborrecido a um canto e não querendo evitar-me um divertimento innocente. Iamos aos pulos, eu e a minha irmãsita, adeante de si, loucos de alegria e chegados á praia o meu pae se descalçava, para nos fazer a vontade, e dando-nos as mãos iamos esperar que as ondas viessem banhar-nos os pés. O meu pae parecia contente da satisfação que nos dava e, participando do nosso prazer infantil, brincava comnosco, enviando-nos o mar, quando menos o esperavamos, uma vaga mais forte que nos molhava até á cintura, sem nenhum respeito pelos seus oculos azues e pela sua longa barba, onde ainda não appareciam as primeiras brancas. Depois o meu pae ia deitar-se na areia a ler a sua correspondencia, de barriga para o ar, e interrompia-se para me gritar, lá de longe, com a sua voz energica:

— Oh lá! Carequinha! Cuidado com a tua irmã! Vem cá mais para traz!

Assim passavamos um delicioso boccado até que a maré nos permittia ir pescar. Com as cannas ao hombro e uma lata de iscas na mão; saltavamos para cima das pedras e aguardavamos, pacientemente, a picada do peixe. E regressavamos a casa todos os dias com algumas *choipas*, mas, quasi sempre . . . compradas.

E' verdade que o seu temperamento arrebatado e nervoso o levava ás vezes a pequenas violencias injustas, mas uma bofetada ou um grito seu eram sempre pagos com um beijo affectuoso e n'esse beijo ia todo o seu arrependimento e todo o seu carinho insubstituivel. Perdoava sempre, mais hora menos hora e valia bem a pena apanhar uma bofetada para obter a ternura que vinha em seguida e que nos dava conforto e alegria, sentindo bater junto de nós um coração *desinteressadamente* amigo que nos cumulava de inefaveis caricias. E' tão raro encontrar na vida uma alma desinteressadamente amiga, que todos aquelles que, na mocidade, não souberam corresponder e aproveitar a amizade d'um pae extremoso, sentem fatalmente, mais tarde, o amargo arrependimento que nos traz a experiencia cruel. Beijos puros de pae, lagrimas immaculadas e crystalinas vertidas sobre os cabellos loiros d'uma cabeça infantil! Ah que saudade, que saudade immensa!

Foi assim que, quando o meu espirito começava a formar-se e as idéas a entrar-me no cerebro, eu não soube um dia perdoar uma bofetada injusta, e abandonei a sua casa, violentamente, sem poder dominar o meu temperamento excessivamente altivo e excessivamente indisciplinado, e soffro hoje, por esse acto, na plena consciencia da inferioridade que o determinou e da injustiça que elle representa. Porque a verdade é que esse excesso de auctoritarismo nada valia em face das suas extraordinarias qualidades de trabalhador dedicado, em face do entranhado amor que sempre teve e tem pelos seus filhos. Mas seis meses depois acommetia-me um violento ataque de appendicite, que exigia uma operação immediata e o meu pae apressou-se a offerecer-me o seu auxilio, convidando-me a ir fazer a operação, que estava prompto a pagar, em sua casa, e esquecendo d'esta forma a minha rebeldia e os aggravos que de mim havia recebido. Acceitei e foi quando, ainda envenenado pelo chloroformio, começava a recuperar os sentidos, que o vi pela primeira vez no meu quarto e nos abraçámos, reatando assim as nossas affectuosas relações apenas interrompidas.

Durante esse tempo tinha estudado, tinha lido muito e tomado uma orientação segura em questões politicas e sociaes, creando relações com aquelles que encontrei a meu lado no meio revolucionario e assim convivendo com muitos homens que o meu pae atacava no seu jornal e que não sympathisavam comsigo. Mas jámais na minha presença alguem fez referencias desagradaveis ao seu nome, porque nem a delicadeza d'essas pessoas o permittia nem eu seria capaz de o consentir. E fui sempre intransigente e escrupuloso n'essas relações, não as mantendo nunca com aquelles entre os quaes e o meu pae havia questões que affectassem a sua honra pessoal, e, por consequencia, a minha propria honra. Nunca! Que esse garotelho Marinha ou alguem seja capaz de provar o contrario. Com as suas questões politicas nada tinha, e nada tenho, porque não sou politico. Segui, sempre, fiel aos meus principios, o caminho direito, fazendo a propaganda das minhas idéas com a maior largueza possivel e apparecendo em toda a parte onde se protestava contra uma tyrannia ou contra uma injustiça, para prestar o meu desvalioso concurso, fossem os protestantes de que partido fossem.

Casado e com filhos, cheio portanto de encargos materiaes que precisava satisfazer, eu nunca escrevi no emtanto senão em jornaes onde se conhecia bem as relações que mantinha comsigo, como o *Paiz*, de Lisboa, unico jornal republicano que o defendeu n'uma das mais graves crises da sua vida e a cujo director e redactor principal estou ligado pelos laços da mais profunda estima, o que tenho muito prazer em affirmar aqui no mesmo momento em que lhe asseguro a si, meu pae, publicamente, a minha amizade incondicional e a minha gratidão.

Por si tive sempre, pelo seu talento, pelo seu caracter escrupulosamente intransigente, pelas suas extraordinarias faculdades de trabalho, pela sua vida de abnegação e simplicidade, pela sua coragem, pela sua audacia, a maior admiração. Sempre o disse, sempre o affirmei em toda a parte. Hoje faço-o publicamente, pois que a situação o exige e um silencio seria uma cumplicidade indigna com aquelles que tiveram a ousadia de se servir do meu nome para o diffamar. Não concordo com muitas das suas opiniões politicas e sociaes e em alguns pontos estamos mesmo em absoluta opposição, como em muitos outros estamos em absoluto accordo. Eu faço propaganda das minhas idéas, o meu pae faz propaganda das suas. O meu pae reconhecerá a minha sinceridade como eu estou absolutamente certo da sua. Renderá homenagem á minha franqueza como eu admiro com enthusiasmo a sua coragem de, no meio d'uma sociedade decadente e apodrecida onde, com raras excepções, as quadrilhas politicas são compostas de bandidos que se disputam á mão armada o melhor quinhão, brandir o latego justiceiro da verdade affrontando todos os perigos e arriscando a sua propria vida. Como sempre, no calor da refrega o meu pae commetterá injustiças e algumas vezes será illudido. Mas a sua obra contra os ladrões e os sicarios da nossa terra, pertençam a que partido pertencerem, é uma obra de alto valor historico que reclama altas qualidades, as altas qualidades de luctador independente e audaz que, em Portugal, só o meu pae possue. E é por isso que eu, que odeio a politica e os politicos, a quem nada devo, me colloco hoje publicamente a seu lado — *sem de forma alguma abdicar das minhas opiniões pessoaes e dos meus principios* — affirmando-lhe, da maneira mais clara e terminante, a minha solidariedade.

E termino enviando-lhe de aqui, d'esta genial Paris cheia de arte e de belleza, onde me encontro cercado de homens illustres que me sabem apreciar e estimar, enviando-lhe de aqui, até que o possa fazer pessoalmente, a expressão carinhosa da minha admiração e da minha amizade incondicional.

Peço-lhe que beije por mim os meus dois filhos.

**PARIS, 13 de Junho de 1910.**

FRANCISCO MANUEL HOMEM CHRISTO, FILHO.

# O N.º 3

Escrevem-nos de Coimbra:

*Sr. director.*

Bom será que V. pergunte aos responsaveis da roubalheira da Grande Empreza Editora de Propaganda Liberal, quando se resolvem a dar as contas aos accionistas da administração do capital subscripto.

Que digam em termos claros e precisos o que é feito da Empreza e onde pára o capital.

O Arthur Leitão, um dos directores, anda por Hespanha a tocar bandurra, em alegre folia, e talvez a rir-se dos idiotas que choram o dinheiro das suas acções, *inteiramente perdido*, por amor da santa causa da Republica!

Este, fiel ás suas tradicções, diverte-se, ri-se, toca bandurra e embebeda-se, em terras de Hespanha, segundo consta. Mas os outros?

Sim, que contas dão aos accionistas os outros membros dos corpos gerentes da empreza?

Pois não pertencem a esses corpos o Affonso Costa, o Bernardino Machado, o Antonio José d'Almeida, o José de Castro, o José Bessa, e outros marechaes do grande partido da moralidade republicana?

Que fallem!

Então comprehende-se que se organise uma empreza com o capital de *oito contos de reis*, e que nunca mais ninguem se lembre de dar contas aos accionistas do dinheiro subscripto, *tendo desapparecido a empreza*, e tambem ninguem sabendo onde pára a ultima de *x* do fundo social?!!

E isto tudo— note— no breve espaço de seis mezes!

Seis meses!!!

Foi organisada quasi no fim do anno de 1908. Seis meses depois estava tudo espatifado! Tudo!

Quem foi o ladrão?

O Arthur Leitão?

Mas os senhores ainda não o disseram; pelo contrario, continuam a considera-lo como *illustre correligionario!*

E' isto digno?

E' isto serio?

Que auctoridade teem os senhores para fulminar, em nome da *santa moralidade* da republica, as ladroeiras que os senhores attribuem aos homens da monarchia?!!

Não quero dizer que os senhores não tenham razão, porque ha effectivamente ladrões de varias cores e feitios na monarchia. O que me parece extraordinario é que, havendo-os na monarchia, os haja ainda mais descarados e vorazes a dentro do partido republicano, que se diz, que se apregoa o partido da grande rehabilitação nacional, pela regeneração dos costumes e pela pratica da boa e sadia moral dos povos fortes e felizes!

Porque não expulsam os senhores do seu seio aquelles que se deshonram e aviltam a causa que defendem?

Julgam porventura que o paiz se illude com as *cantatas* de moralidade, com que os senhores a todo o momento lhe atordoam os ouvidos?

Como se enganam!

Desenganem-se:o paiz o que quer é seriedade, seriedade, e só seriedade.

Ora, os senhores, procedendo em tudo o mais como procederam com a Empreza Editora de Propaganda Liberal, não são sérios, e não sendo serios não podem ter a confiança do paiz.

No Credito Predial houve ladrões de centenas de contos, é certo.

Mas, pergunto, aquelles que na Empreza Editora roubaram os 8 contos, não roubariam centenas se os encontrassem á mão? Já veem os senhores que com o seu silencio estão comprometendo gravemente a causa da republica . . .

Fallem, pois.

*Um accionista.*

Ha dias um amigo nosso, e pessoa de toda a respeitabilidade, dizia-nos tambem de Coimbra:

Por estes dias, se é que até hoje ainda o não foi, vae ser informado por um cavalheiro da Figueira da Foz de todos os pormenores de mais um roubo acolitado de infamias, praticado pelo refinado bandido Arthur Leitão a um D. José Galbas que o recebeu em Madrid em sua casa e a quem, depois de explorar dinheiros e cama e mesa durante longos meses para si e cunhada-amante, filhos e creada, fasendo-se seu socio na compra de um terreno na Figueira da Foz, para um Casino—Beira-Mar em construcção, faltou, como não podia deixar de faltar, ao pagamento logo da sua primeira prestação, e por cuja razão o pobre D. Galbas teve de renunciar a mais de um conto de reis já gasto na sua primeira prestação de pagamento de terreno e primeiras despesas de construcção.

Roubou o hespanhol, roubou a proprietaria do terreno que, por causa de negocios para que contava com o dinheiro do ladrão, não encontra meio de sahir dos embaraços que lhe crearam e roubados os artistas constructores que ao fim de mezes de trabalho não apanham um ceitil. Isto vae contado ligeiramente, tal qual me foi referido, por quem minuciosamente o ha de informar, n'um encontro de pouco tempo em um carro.

Muito bem. O Arthur Leitão é um grande patife e um gatuno desaforadissimo. Mas faça-se-lhe justiça: é o n.º 3 na ordem dos gatunos celebres da republica! Ainda tem dois acima d'elle!

Nem d'outra forma se comprehendia que o *Mundo* estivesse a exalta-lo e a publicar-lhe escriptos de Madrid, precisamente na occasião em que elle na capital das Hespanhas roubava o hespanhol da forma que fica referida.

Feita esta restricção, d'inteira justiça, concordamos *absolutamente* com as sensatas considerações do nosso correspondente de Coimbra.

A republica tem pessoal dirigente, como elles proclamam, para *salvar dez vezes* este paiz. Quando são maus os illustres corypheus, o Camacho *grama-os* e restitue-os á patria depois de lhe terem atravessado o bucho bento . . . em excrementos esterilisados.

Tambem ha de passar á historia, esse Brito Camacho, como um dos bandidos mais pittorescos que appareceram n'esta terra!

# A situação

Chega-nos á ultima hora a noticia de que o rei não concede a dissolução.

Vamos a ver o desenlace.

Agora é que o rei vae provar o seu valor.

Temos homem? Não temos homem?

Vamos a ver se sua magestade é parecido com o Antonio José d'Almeida. Antonio José d'Almeida é um bondoso coração. E o seu supremo objectivo é que todos digam que é... um *bondoso coração!*

Quererá sua magestade attingir o mesmo desideratum?

Note-se que não censuramos o rei. Na verdade, desde que o ministerio teve a suprema fraqueza de se encolher deante das arruaças parlamentares, o rei—e fomos o primeiro a dar-lhe aqui esse parecer—não devia conceder-lhe a dissolução. Mas o rei não os tem melhores! Bom não se encontra, el-rei D. Manuel. Aqui ha só um recurso: é escolher do mau o melhor.

A situação é difficil. Muito difficil. Por isso mesmo é que todo o paiz vae agora aquilatar do valor do rei D. Manuel.

Mas não se deixe levar por ameaças, Senhor!

Não pense em ficar de bem com todos, Senhor! Não queira ser bom. Resolva-se a ser mau! E verá que triumpha.

Proceda segundo os interesses da *ordem publica*. Seja energico! Seja corajoso! E deixe-os.

Os que se julgam prejudicados é sabido que se atiram a vossa magestade como S. Thiago aos moiros. Não se prenda com isso! Não lhes tenha medo! Não faça injustiças. Mas dentro da justica, prefira os amigos aos inimigos. Desgostar amigos é uma dos diabos! E, ao mesmo tempo, *quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.*

O ministerio nephelibata é impossivel.

As maiorias não o acceitam e fazem bem. Fazem o seu jogo e, ao mesmo tempo, servem os bons principios. E' pois impossivel, o ministerio nephelibata. Mas quando não fosse impossivel seria uma grande asneira.

Pois qual foi o grande disparate do reinado de vossa magestade? Foi deitar abaixo o João Franco. Foi, a deita-lo abaixo, não constituir logo uma dictadura militar. E foi, em ultimo caso, não constituir um ministerio partidario.

Pois vossa magestade havia de repetir o disparate? Havia de pôr, novamente, a fazer eleições, um ministerio nephelibata? Excluido o ministerio nephelibata, o que resta? Um ministerio regenerador? Mas esse importa logo dissolução. E vossa magestade cahe n'uma grande iniquidade, pondo contra si, ao mesmo tempo, os elementos importantissimos que apoiam o gabinete demissionario, se der a dissolução aos regeneradores.

A situação é clara. Vossa magestade, desde que deixou cahir o ministerio Beirão, já não pode conceder a *ninguem* a dissolução.

A ninguem!

Então que resta?

A situação é clara.

O medo, de parte. Ponha o medo de parte, el-rei D. Manuel!

Sabe vossa magestade porque ainda estou vivo? Porque nunca tive medo nenhum.Senão, já me tinham escorchado.

Não tenha medo, el-rei D. Manuel.

Viva Deus e ávante!

**Tornamos a pedir aos nossos assignantes, afim de nos evitarem buscas trabalhosas, o favor de porem sempre o numero das cintas nos seus avisos ou reclamações**

# Raposos

Está visto de principio que mau foi dar-se, pelo medo e pela covardia, representação larga, exactamente áquelles que n'outro paiz teriam pago no patibulo, na prisão e no desterro as suas faltas gravissimas, sob qualquer aspecto que as queiram considerar!

Agora aturem-nos!...

Nós temos aqui sobre a nossa banca, bem á mão, e jamais saindo de sob as nossas vistas, esse tremendo *dossier*, essa pavorosa condemnação de um mundo inteiro—datado principalmente de fevereiro de 1908—contra semilhante horda de politicantes; e que cumpre dizer—não eram mais nem menos atacados monarchicos do que republicanos. O asco era por egual mantido no extrangeiro.

A romaria macabra á campa dos regicidas, inclusivé até essa! envolveu por egual monarchicos e republicanos, no conceito de baixesa, de perversão, de infamias com cujo ferrete nos marcou indelevelmente o conceito da Europa, do mundo inteiro!

Elles bem o disseram: "Portugal é um verdadeiro paraizo despresado pelos seus habitantes. Estes, honestos e doceis, tem tido, porem, governos successivos de uma crueldade e de uma falta de rectidão extraordinarias!...„ "As finanças do Estado são deploraveis, a confusão continuará (e note-se bem que effectivamente assim tem succedido,) assim como as dissidencias politicas que dividem os chefes dos partidos. Será necessario talvez um novo João Franco para romper *absolutamente* (sic) com o passado.„

E note-se, é nesta correspondencia que se conta a historia das apalpadeiras, que *se non é vero, é bene trovato*. Que se não é verdadeira no seu pormenor, certamente que se aproxima d'aquillo de que tem sido capaz o autor de muitas outras no mesmo jaez. E aqui se falla tambem do diplomata—oh! e que diplomata, o chinez das facas atiradas a Hintze! (vide "Parodias„ de fevereiro de 1903) — que havia dois annos passeava por Lisboa, fóra do seu logar e ganhando 60:000 francos por anno. Arre gatuno!

Agora, repetimos, aturem-nos!

Mas, ainda na ordem de transcripções. Dizia a imprensa mundial... "E' uma indifferença *aterradora* (sic), é um espectaculo de perversão collectiva (reparem nisto os leitores), que causa impressão: os mais velhos jornalistas que aqui vieram asseveram-nos que nunca viram coisa egual. (!) Aqui, a compaixão, que se desperta deante de uma morte tragica, está voltada para os assassinos, lynchados pela policia„ (!!!)

E o "Jornal dos Debates„ escrevia entre outras muitas coisas: affirma-se que numerosos portuguezes estão prontos para crer que sob um outro regimen não pagariam impostos e teriam o pão por metade do preço.„ (!)

"Tem-se visto sempre succederem-se os partidos no poder e fazerem as eleições graças á sua "machina,„ á ignorancia e passividade das massas e depois governarem tendo por unico principio o cuidado de viverem algum tempo á custa do Estado.„ (!)

„...Uma hora de enternecimento ante o tumulo de um rei e a mocidade do seu successor não garante ainda que elles vestissem pelle nova, tante mais que os habitos das suas clientellas não lho tornam facil.„ (Cá está, caros leitores o caso de agora, como o de sempre! Vede-vos neste espelho.)

E mais esta para terminar: ..."Levemente (!...) horrorisado pelo apostolo (quer dizer, o articulista, farto de ouvir sandices ao hydro-cephalo Bernardino; sandices que nem vale a pena transcrever para aqui, embora as tenhamos á vista; mas, emfim, são as de sempre!), dirigi-me ao principal jornal de Lisboa, "Diario de Noticias„, que corresponde á parte moderada da nação.„

"Com quanto pese ao apostolo Machado, a sua republica teria pouco sucesso depois de semelhante espectaculo (do attentado, etc.) mesmo junto dos nossos mais sectarios republicanos.„

"E a este proposito, os republicanos poderiam reeditar uma phrase famosa: Foi mais que um crime, foi um erro!„

— Ora, tereis percebido? A substituição do idiota monarchico pelo idiota republicano (conforme Fialho), e infame, ainda por cima, seria mais do que loucura, seria um erro, torpe por extremo!

Os rapozos são aos cardumes, é certo, e por isso mesmo urge bate-los. Até áquelles mesmo que chegando-se para a politica como caudatarios de Pimenteis Pinto e de outros sabidos astros, ainda mal vêm deitando os corninhos ao sol. Comilõesinhos de segunda grandeza, untuosos e com vozinha de cebolão, com talentos de forrageadores do livro francez, não seriam menos damnoso na hora do assalto.

Mas em summa: elles todos, exactamente os marmellos de maior envergadura... de fauces hiantes, logo que por um d'estes inexplicaveis bamburrios se viram de novo no poleiro, o seu primeiro cuidado — nas primeiras sessões das camaras makavencas, por signal—foi conclamarem á attonita Europa "que não havia lá fóra nem melhores nem maiores politicos, e que até morriam pobres!„

Oh, e como a Europa não receberia mais esta torpeza!... Pois que só escapou a tão preclaros varões—que afinal provara de mais.—Mas o facto é que voltavam ao batuque.

Refinadissimos mariolas! Que o paiz todo detesta, e tanto mais que todo o commercio, toda a agricultura, toda a industria, todo o trabalho nacional, emfim, se encontra parado e entorpecido... á espera que se proclame esta reinação de Astrea, que afinal dá pelo nome de reinação da republica. Isto á falta de monarchicos, é claro, pois que a *nata* sobrenadaria, chamada para o logar d'honra dos verdadeiros homens de bem cahidos nos braços do Bernardino Baeta.

Entretanto que o cordão umbilical *teixeirista-dissidente-affonsista*, de republica, irá preparando o terreno. Importando pouco que o pretexto seja, v. g., o Credito Predial, ainda agravando-se o bem estar, socego e futuro de muitissimas familias. Contanto que vivam a republica e os moralões da monarchia.

Unico!

*G. R.*

# CARTAS LISBOETAS

15 de junho

Ao impressionista rebelde que traceja estas cartas seria grato ter de sahir um pouco d'esta atmosphera bafienta da politica portuguêza, para lhes fallar, de tempos a tempos, d'um livro novo, do quadro d'um pintor, da obra de um artista de merito...

Mas não é possivel, por em quanto. Para qualquer lado que se a gente volte é no Credito Predial que se fala, na dissolução da camara, na crise ministerial, nas probalidades d'um novo governo, emfim, em todas essas pequeninas miserias que constituem o fundo da vida politica d'este paiz de politicos.

Portugal dá bem a impressão do que é, da desorganisação em que se vive, da incapacidade dos que governam, da ignorancia dos governados, do desleixo de todos, e, por mais que se faça, não é possivel, creio-o bem, modificar este deploravel estado de coisas.

Ainda não ha muito tempo um amigo me dizia, incitando a minha penna, a um trabalho de propaganda, que meia duzia de homens de boa vontade, tendo a servi-los intelligencias regulares, levaria de vencida essa horda immensa de ineptos que se apoderou de tudo e ahi, por todos os meios, domina todos.

Claro, não é aqui campo para se discutir tal affirmação, mas admittindo-a como verdadeira, accode naturalmente perguntar se valerá a pena tentar esse esforço dentro d'este paiz?

Tendo de luctar desesperadamente contra os manejos dos politicos, as intrigas do jornalismo de compadrio, as diffamações dos despeitados, contra calumnias de toda a especie?

Humildemente penso que não vale a pena e não vale porque ao fim da lucta nada haveria a colher no campo de semeadura.

O povo estaria na mesma, corrompido ao ponto a que chegou, sem energia para nada, não se importando com coisa alguma, resistindo pela

inercia mais vergonhosa que pode caracterisar-se como indicio seguro da decadencia da raça, a toda a serie de immoralidades com que teem fingido governa-lo.

Por outro lado, as *classes pensantes* do paiz (façam favor de se não rir) tambem não teriam lucrado muito com a propaganda. Fossem lá ver um lente de direito, por exemplo, que estes bichos de capêllo é gente de respeito, ligar importancia ás campanhas jornalisticas de não se sabe quem, ainda que essas campanhas fossem orientadas por um alto espirito de justiça!

Seria trabalho perdido, meu amigo.

Ainda que se acabasse de esmigalhar a tal chamada democracia portuguêza. Ainda que corressemos os seus patriarchas e dissessemos tudo quanto soubessemos dos seus grandes homens. Mesmo que conseguissemos isso que ahi tanto tem subido á cabeça dos mediocres e dos nullos, a popularidade, coisa enganosa e vã como diria o conselheiro Accacio, mas de que não desdenham os conselheiros Accacios da democracia, que tambem tem conselheiros e Accacios, mesmo assim, não valia a pena, amigo.

E não valeria porque este Portugal não é propenso senão ás intrigas de soalheiro, porque só teem logar aqui os manejos de gentes sem escrupulos que, á custa seja do que fôr, conseguem ir subindo...

Olhe o meu amigo, por exemplo, para esse caso do Crédito Predial. As coisas que se teem escripto, furibundas coisas, simplesmente, claro, clarissimo, para criar difficuldades ao governo, para dar em terra com o governo, e mais nada. Porque a verdade é esta—digam lá o que quizerem, expremam-se muito embora, até á ultima, os taes jornalistas da opposição—não se trata senão de abater José Luciano, que se tornou um pezadelo para a gente, que anda ha algum tempo afastada das cadeiras do poder, dos cofres do estado.

A moral politica portugueza é uma moral de facção, suja, de trazer por casa, accomodaticio intoleravel. Tudo que é do nosso lado é bom, detestavel é tudo quanto vem dos adversarios.

Lá andam os regeneradores indignados com a hypothese de uma dissolução . . . concedida aos progressistas, preparando-se para pedir uma dissolução uma vez chamados ao poder.

E, assim, se gasta um tempo immenso, se perde um tempo precioso, sem que o paiz lucre coisa alguma, desmoralisando-se ainda mais o povo que, já agora, dada a experiencia dos ultimos congressos, não será salvo pela verborreia das ligas educativas.

* * *

Insista-se, no entanto, n'um ponto: urge dizer a verdade toda, e aquelles que teem uma penna e sabem maneja-la não podem permanecer inactivos em face a este estado de coisas.

E' uma obra de bota abaixo? Seja—mas é, sem leve sombra de duvida, obra meritoria. Não se pode tentar construir nada n'este paiz emquanto for este o nosso estado social, emquanto tivermos o povo que temos, governado pela gente que ahi á testa dos governos temos tido.

Por isso é que as constituições partidarias não veem a proposito e a tentativa do sr. Agostinho Fortes não virá a ser coroada do exito que mereceria, partindo de quem parte, orientada democraticamente como naturalmente será.

Já ha partidos a mais em Portugal. Era um grande bem acabar com alguns d'elles. Quanto mais criar partidos novos! Quanto mais agrupar actividades para um fim pouco menos do que inutil!

A obra a realisar, por parte dos bons republicanos, seria refundir, reorganisar, escangalhar (como queiram) o partido republicano, e por parte dos monarchicos sinceros dar conta dos agrupamentos de ambiciosos conhecidos pelo nome de partidos monarchicos.

Esta patria tem de ser modificada de alto a baixo, para ser verdadeiramente uma patria.

Assim, entregue á vampiragem politica, sem orientação, marchando sem bussola, ao sabôr do acaso, não a pode esperar um bom destino.

Mas, occorre ainda perguntar, será possivel entrar em caminho novo, fazer alguma coisa dentro d'este paiz?

Será possivel, talvez, mas é bem pouco provavel.

Que isto, afinal, é bem o paiz que o immortal Queiroz definiu nos seus livros—um paiz sem crenças em coisa alguma, enfatuado e pelintra, pretencioso e ôcco, aliteratado e ridiculo. . . paiz de Acacios e Amaros, de Pachecos e Ribamares, de Alencares e Gouvarinhos, de Ernestinhos e Damasos . . .

BELGAVINO.

# A Grandissima Quadrilha

. . . *Sr. Redactor.*

Tenho seguido com todo o interesse a campanha que V. encetou e continua contra *o soi disant* partido avançado portuguez, sem um momento de treguas, sem um signal de desalento.

Pode haver quem não concorde com as idêas de V. ou com os seus processos de combate estribando-se n'aquillo de que — se uma cavalgadura nos dá um couce nós não devemos responder com outro — mas, no que todos forçosamente teem de convir, é na sinceridade e arrojo de V. (que tem ido até á temeridade) e na rectidão das suas intenções. Estas qualidades chegam a constituir a *avis rara* nos tempos que vão correndo. Andamos já tão habituados a lidar diariamente com hypocritas e covardes que sentimos um movimento de grata surpreza e de irresistivel sympathia se deparamos com alguma excepção á regra geral. Eu, pela minha parte, confesso, com toda a franqueza, que, ao principio, não acreditava na sinceridade de V.

Suppunha-o um despeitado. Fui seguindo semanalmente, com todo o interesse, como digo acima, as phases d'esta monumental lucta, e a convicção na honestidade de V., foi gradualmente arreigando-se no meu espirito a ponto que hoje considero-o um dos poucos homens sinceros e honestos que sobrenadam n'este charco infecto chamado sociedade portugueza.

Portanto considero a obra de V. embora cruel, sanhuda, impiedosa por vezes, d'um largo alcance no futuro resurgimento d'este pobre paiz.

N'esta ordem de ideias parece-me ser um dever de todos nós auxilial-o por todos os meios possiveis, e, principalmente, lendo e difundindo o *Povo de Aveiro* para tirar as cataratas a muitos cegos, e fornecendo a V. materiaes que o ajudem a construir o pelourinho onde fiquem expostos todos esses catões de palha.

Eu, pela minha parte, prometto referir a V. tudo o que souber a respeito de tão conspicua gente. Não será muito nem muito importante mas é *fornecido* de boa vontade, e, como vivo sempre em Lisboa, e sou empregado n'uma secretaria ministerial, talvez tenha a boa fortuna de vir a conhecer alguma proeza maiuscula dos nossos incorruptiveis *sans culottes*. Comecemos pois:

Na noite de 14 de novembro de 1908 achava-me no salão do Theatro da Trindade. Junto a mim havia um grupo de individuos de que formava parte o Dr. F. (unico que eu conhecia de vista) parocho de uma freguezia de Lisboa; homem intelligente e illustrado, mas que tem a fraqueza de se fazer popular não lhe importando de apertar a mão, cumprimentar e sorrir a todo o fiel patife.

N'esta occasião chega o Dr. Affonso Costa com aquella cara deslavada que Deus lhe deu, insultando toda a gente com a sua desvergonha infame e dirigiu-se a cumprimentar o *popular* Dr. F. disparando-lhe á queima roupa esta pergunta:

—Que lhe pareceu aquillo de hontem em Beja?

O Dr. F. desenhou com a cara uma interrogação muda e o outro continuou: «Havemos de obrigar o Bispo a resignar porque é o mais reaccionario que ha no paiz.»

Fez-me especie isto porque não sabia o que tinha havido em Beja, não tendo lido ainda os jornaes do dia que deixo sempre para a occasião de me deitar. Quando recolhi a penates procurei e encontrei logo a noticia detalhada do apedrejamento ao Seminario e Paço Episcopal de Beja, frizando os jornaes a circumstancia do acontecimento ser praticado na occasião em que tinha fallecido um pobre seminarista que estava ainda em camara ardente, e algumas pedras terem penetrado pela janella d'essa camara até ao caixão! Que tal, hein?

Serão assim todos os movimentos populares que elles alcunham de *expontaneos?* Com um Affonso Costa a dar aos cordelinhos, cá de longe, por via das duvidas? Pasmae oh gentes! Desculpe, sr. redactor, ter-lhe tomado tanto tempo e espaço com tão desataviada prosa e creia-me sempre

De V. etc.

admirador sincero e convicto e leitor assiduo

*Um empregado da Arcada*

# Homem Christo

Regressa em breve a Portugal, onde se demora apenas alguns dias, partindo de novo para o extrangeiro, o filho mais velho do director d'este jornal.

Chegam-nos as melhores informações a seu respeito, registando provas d'estima e consideração que, da parte do mundo intellectual, tem recebido lá fora. E' que o seu desequilibrio era, afinal, como muito bem suppunhamos, o da *pouca edade*, e a sua doença a *doença da mocidade*. Sempre o suppozemos e não nos enganamos. A experiencia, agora as viagens, a convivencia com um outro mundo mais educado, a observação de correntes moraes e intellectuaes d'ordem mais elevada, e sobretudo a edade, vão fazendo d'elle um homem na accepção completa da palavra.

Ainda bem.

# O Seculo

Eu não compro o *Seculo*, como não compro nenhum outro jornal jacobino, porque sou portuguez e amo a minha patria. Não desenvolvo as razões que determinam este meu procedimento, porque seria trabalho e tempo perdido.

Demais, todos têm olhos de ver, ouvidos de ouvir e um pouco da massa craneana para raciocinar. Não vêem, não ouvem, não raciocinam? Deitam lenha na fogueira que os queima e dão de comer á vibora que os morde? O commerciante, o industrial e o agricultor queixam-se da crise que atravessa as suas classes, crise que resulta, em grande parte, do retrahimento de capitaes, e ajudam a viver a má imprensa, que, de mãos dadas com os politicos que para ahi se agitam como cães esfaimados em volta d'um osso, é a causa d'esse retrahimento pelo pavor que tem levado aos espiritos? Os amantes do bom nome portuguez lastimam a mancha indelevel, que a tragedia de 1 de fevereiro lançou na nossa historia, e sentem-se vexados com a onda de nojo e repulsão que a apotheose aos regicidas levantou em todos os paizes cultos, e, não obstante, continuam a alimentar a imprensa jacobina, que, com o *Seculo* e o *Mundo* á frente, muito contribuiu, pelas suspeições que espalhou e pelos odios que accirrou, para esses actos que nos collocaram, aos olhos do mundo civilisado, abaixo da Servia e de Marrocos? Os monarchicos lamentam o mal que ás instituições tem causado e continuam causando essa imprensa de estrebaria que para ahi se publica, tendo como guarda avançada o *Seculo* e o *Mundo*, e continuam a comprar esses jornaes, ajudando-os assim a viver com os dezreisinhos que lhes dão por dia, ou sejam 3$600 reis na volta do anno?

Mas então isto não é um paiz: isto é um curral de bestas, um hospital de doidos, ou um antro de criminosos, que com o seu dinheiro sustentam, dão vida e força a essa imprensa que tanto tem concorrido para o nosso descredito no estrangeiro e para a perturbação em que se encontra a vida nacional!

Não compro, como disse, o *Seculo*, mas isto não quer dizer que eu desconheça a maioria das suas publicações.

Do artigo de fundo, porém, que elle publicou em termos desprimorosos para a Liga de Defeza Monarchica e reveladores d'uma repugnante inversão moral, só tive conhecimento pela transcripção feita no *Povo de Aveiro* de 5 do corrente mez.

Pergunta V., sr. Homem Christo, commentando esse artigo: — «Mas quem será esse pulha, que se atreve a sustentar essa moral nas columnas do *Seculo*?»

Respondo: quem escreve os artigos do fundo do *Seculo* é um tal Vieira Correia que foi substituir Cunha e Costa n'aquelle logar.

Quando Silva Graça está cá, é este individuo, muitas vezes, o inpirador d'esses artigos, de maneira que, n'essas ocasiões, o referido Vieira Correia deprime ou encarece, ataca ou defende, segundo as ordens que recebe de Silva Graça, "funcção em geral despresivel e vergonhosa, que só convem ás pobres gentes a quem as irregularidades da vida difficultaram o poder viver por processos confessaveis, " como elle proprio escreveu no tal artigo. Quando, porém, o director do *Seculo* está no estrangeiro, o pobre diabo recupera um pouco a sua porsonalidade.

Ora na ocasião em que a Liga de Defeza Monarchica foi pedir o cumprimento da lei, já o Silva Graça havia partido para o estrangeiro, e como entre o acto d'aquella collectividade censurado no artigo e a publicação d'este não medeou tempo sufficiente para que Silva Graça mandasse escrever aquella serie de baboseiras, forçoso é confessar que o autor exclusivo do citado artigo é o tal Vieira Correia.

E já que estou com as mãos na massa, permitta-me, Sr. Homem Christo, que eu diga mais alguma cousa.

O *Seculo* tem publicado a proprsito do Credito Predial. uma enfiada de artigos violentos, nos quaes se faz o jogo dos arruaceiros politicos (só um tolo é que não verá isto,) que pretendem por todas as fórmas escalar o poder para satisfazerem uma serie de ambições inconfessaveis. Ora como o autor dos referidos artigos é um redactor do *Seculo* chamado Avelino de Almeida, que tem posto n'esses escriptos tal cuidado que muitas vezes o jornal tem sido fechado bastante depois da hora costumada, com prejuizo do pessoal que espera que o referido individuo retoque aqui, emende ali, substitua acolá o que primitivamente escrevera, e como me affirmaram ha tempos que é elle o correspondente telegraphico em Lisboa d'um jornal catholico do norte, que ataca, inclusivamente na sua correspondencia telegraphica da capital, todos esses politicos de barriga que para ahi se espojam, não seria mau saber-se se o sobredito Avelino de Almeida foi effectivamente, e se ainda é, correspondente d'esse jornal, para lhe perguntar como diabo é que elle arranja essa cousa de atacar e favorecer ao mesmo tempo os mesmos individuos! Que grande estomago!

Mas não me surprehende semelhante procedimento no redactor d'um jornal que a tudo tem descido para enriquecer e tambem para ser agradavel aos republicanos. Apenas dois ou tres exemplos, de entre muitos que conheço, para mostrar alguns dos processos de que o *Seculo* se serve para captar as sympathias jacobinas.

Em novembro de 1908, o correspondente do *Seculo*, em Santarem, mandou para a redacção d'este jornal uma correspondencia em que dizia que varios cavalheiros d'aquella cidade e districto, em mimero de uns 160, iam ao Porto em comboio especial apresentar a el-rei, que então estava na capital do norte, as suas homenagens.

A redacção do *Seculo* atirou-se como gato a bofe ao original d'esta noticia, cortou a centena ao numero 160, ficando este numero, por issso, reduzido a 60, e modificou toda a correspondencia no sentido de dár a preceber, muito ao contrario do que dizia o correspondente, que era o dever official que levava ao Porto aquelles cavalheiros. No dia seguinte o correspondente, á margem de novas noticias que mandou para aquella redacção, pedia que rectificassem a sua correspondencia anterior, *pois que era de* 160 *como mandára dizer, e não de 60 como saiu publicado, o numero de cavalheiros que iam ao Porto.* Mas a rectificação não se fez.

Um dia o correspondente do mesmo jornal, na Azambuja, mandou uma lista de nomes de varias pessoas, que tinham contribuido com donativos para a construcção d'um hospital. Na cabeça d'essa lista liam-se os nomes de el-rei D. Manuel e da rainha D. Amelia. A redacção do *Seculo* atirou-se á lista, cortou-lhe os nomes de el-rei e da rainha, bem como os numeros das importancias com que tinham concorrido para o hospital, e mandou os restantes nomes para a typographia, afim de serem publicados.

Na noite de 1 de fevereiro, poucas horas depois da tragedia do Terreiro do Paço, e quando ainda só ... os deuses conheciam os nomes dos assassinos de D. Carlos e de seu filho, Silva Graça mandou ordens terminantes ao pessoal do *Seculo*, para que aos assassinos das duas pessoas reaes *se não chamasse assassinos.*

*Que não saisse publicada a palavra assassino*—ordenou elle.

E ainda ha monarchicos que compram o *Seculo*!

Tudo isto, Sr. Homem Christo, é apenas um pequeno panno de amostras. O resto, que é o mais importante, fica á espera de opportunidade. Se viver, se não viver, outro me substituirá n'esta tarefa.

*Um leitor do «Povo de Aveiro».*

# Carta de Gôa

*26-5-910.*

O sr. Conselheiro Horta e Costa promettia vir governar a India com o programma da honestidade proclamado pelo partido franquista, em que se dizia alistado e a quem devia a sua nomeação para o alto cargo de Governador d'este Estado.

Mas decorrem já mais de tres annos de completo desengano. Onde está o *estricto cumprimento da lei e inteira Justiça*, que nos annunciara e promettera mesmo de Lisboa?! E' que Sua Ex.ª só chegou a conceber esta ideia, e antes de completar a gestação d'ella, houve um desmancho provocado por qualquer causa e assim a governação foi victima de um terrivel *aborto*.

Lamentamos Sua Ex.ª e mais ainda os povos da India feridos por tão cruel desengano. Ha pouco (Bol. Off.—10 de maio) vagou o logar de administrador das confrarias das Ilhas. E Sua Ex.ª prometteu o logar aos dois genros dos dois Presidentes da Commissão municipal das Ilhas e de Bardez.

O publico felicitava um e felicitava tambem o outro, na certeza em que cada qual estava de Sua Ex.ª não ter promettido senão a um dos pretendentes.

— E' Fulano a quem Sua Ex.ª prometteu—diz um aulico.

— Não senhor. Sicrano é que é, a quem Sua Ex.ª prometteu—affirmava outro.

Parece—diz um terceiro—que a promessa foi feita aos dois, porque de facto se viu passar uma rocegante saia e voltar do palacio ainda mais rocegante. E de todo esse labor resultou, não outro *aborto*, mas um doloroso parto prematuro (Bol. Off. — 17 de maio), donde sahiu em administrador das confrarias um General reformado, official pratico, o bem conhecido cabo 50.

Que temeridade confiar cargos de tanta responsabilidade a incapacidades, como essa, a quem Sua Ex.ª se vê obrigado a mandar, para o dirigir no serviço, um dos seus ajudantes.

E' que o sr. Governador deixou já de vêr a *inteira justiça* promettida, e nem se importa em distinguir o merecimento, a tal ponto que chamou ao palacio um professor do Lyceu e se empenhou com elle por mandar approvado um filho do dito cabo 50 e, vendo que o não conseguira, fel-o empregar na Repartição da fazenda (Bol. Offl. — 3 de maio). Os merecimentos não teem valor algum na sua governação, pois que até o celebre genro do cabo 50, (escripturario da fazenda) foi collocado na Repartição das Obras Publicas com uma gratificação especial, que nem está no orçamento.

Acreditamos piamente em taes abonos indevidos, porque isto está sendo a ordem do dia na governação do sr. Horta e Costa, como se pode ver da imprensa local e ainda do proprio *Heraldo*, que lhe é affeiçoado, (n.º 531 da série corrente), artigo do fundo sob a epigraphe—*Officiaes e sargentos do serviço de saude.*

Basta saber-se que ao celebre administrador da Tragañã—Nagar—Aveli, de quem trata a revista—Portugal na Africa—, n.º de abril, mandou-se pagar durante 14 mezes que esteve em Gôa, a gratificação mensal de 200 rupias destinadas, só para o serviço da tombação d'aquella administração rural, o que importa um desfalque da fazenda na importancia de duas mil e oito centas rupias! . . .

E' bom que para o esclarecimento da verdade se transcreva aqui uns trechos do referido *Heraldo:*

"Pelo mesmo serviço da capital, em 1908, ao cirurgião-militar, sr. Augusto da Rocha, fora paga a gratificação equivalente ao soldo, marcada no art.º 30 da Carta de Lei de 28 de maio do 1896, apezar de não estar ao abrigo do mesmo art.º 30, visto o serviço ter sido prestado dentro da capital, onde esse cirurgião tinha a sua residencia e não fóra do local da residencia como exige o art.º!»

"Mas este cirurgião era dos privilegiados, a ponto de ser-lhe abonado até o subsidio para renda de casas, apezar de ter estado a residir no edificio publico do observatorio metereologico. E no governo interino de Diu foi-lhe abonada a gratificação mensal de 100 rupias só porque tinha havido peste bubonica em Diu.»

Portanto foi-lhe abonado individualmente:

| | |
|---|---|
| Pelo serviço de defeza sanitaria contra a peste na capital do Estado (2 mezes e 13 dias) . . . . . | 438-0-0 |
| Pelo subsidio para renda de casas durante 21 mezes . . . . . | 525-0-0 |
| O sr. governador, além de auctorisar estas illegalidades, dispõe, para seu uso particular, de 6 cavallos da bateria de artilheria de montanha e guarnição, os quaes com os respectivos tratadores custam ao mez o minimo de 240 rupias, que por tempo de mais de 3 annos da governação de Sua Ex.ª importam em mais de . . . . . | 8640-0-0 |

Vê-se, pois, que só n'um rapido golpe de vista, se apuram d'estas tres verbas com a precedente (da tombação da Traganã) a somma de 12:383 rupias illegalmente despendidas.

Continuaremos n'este estudo, porque não são só os adiantamentos feitos á casa real e aos altos funccionarios, não são só os subornos de Hinton, e os grandes desfalques na Companhia Geral do Credito Predial Portugueza, que nos devem occupar a attenção; temos de tratar tambem do que vae pelas colonias. Continuaremos. Até á outra mala.

**A. S.**

# UM IGNOBIL GAROTO

O que está dicto basta para definir o biltre. E' o esterquilinio aldeão. O legitimo esterquilinio aldeão. Boçal, porco, coberto d'estupidez, d'esterco e de piolhos. Mas, para cumulo de monstruosidade, enfiando casaca e pondo chapèo alto, n'uma pretenção grotesca a *intellectualidade* e a salão! Aquelle entrudo provinciano, de cara enfarruscada, fralda de fóra, cheirando a mijo, tão repugnante na nudez do espirito e no desengraçado do corpo, tão irritantemente burlesco na sua piada chula, na sua pretenção ao chiste, que só inspira vontade de o desfazer a pontapés.

Mas que cidade é aquella, que acoita a montureira infecta e vil? Não conhecemos nada, nem ninguem da Guarda, já o dissémos. Porém, que deploravel idéa do seu valor moral, do seu valor intellectual, a dar guarida e representação a um biltre d'esses!

Ha homens que alliam a grandes defeitos grandes virtudes. E assim comprehende-se que tenham representação e mesmo preponderancia social. Mas o tal Julio Ribeiro é, intellectualmente, o ultimo dos insignificantes, e é, moralmente, o ultimo dos pulhas. Junta a isso o ser pedaço d'asno, pretencioso, insolente.

Podia ser, intellectualmente, uma besta. Podia ser, moralmente, um pulha. E não ser um garoto atrevido. Um pretencioso insolente. Mas elle é tudo. E' uma das creaturas mais rasteiras, mais reles, sob todos os aspectos mais immundas, mais repugnantes que temos visto. Ha egual. Isso ha. Mas o que não ha é um sapo d'aquelles com importancia social.

Aveiro tem um pulha da mesma natureza. Tem outro Abrantes. Teem-nos quasi todas as terras, afinal. Desde que appareceu o partido republicano em Portugal, veio á suppuração toda a escoria e vileza do paiz. Mas nem Aveiro, nem Abrantes nem terra alguma portugueza deu ainda a menor, a mais infima consideração social, a esses immundos reptis.

Vivem em tocas infectas, em pocilgas abjectas, desprezados do mundo, corridos pelo desprezo, a rastejar, a babujar, impotentes, com outros reptis da sua laia. Mas a Guarda, não. A Guarda tem o miseravel, o repellente bilontra, o pilho asqueroso, o gaiato prostituido, infamemente prostituido na alma e no corpo, como um dos seus dirigentes. Que ignominia! Que degradação! Que torpe abjecção! Como vae cahindo, cahindo, dia a dia, esta desgraçada raça portugueza!

Julio Ribeiro, como dissemos, é filho de um major reformado. Desde a mais tenra edade que demonstrou a sua vileza moral e a sua absoluta chateza intellectual. Andou pelos lyceus a salientar a refinada gaiatice com que o dotou a natureza. Foi um pilho, um garoto, um indecente, gaiato descarado e sem vergonha. Estudante, não. De gaiato indecente e sem vergonha passou a militar relaxado e pulha. Conseguiu chegar, o miseravel, a segundo sargento. E foi tudo. Mas que segundo sargento! Um d'esses pulhas que só vão ao exercito para sujar as folhas de registo.

Não conseguindo nada pelas lettras, não conseguindo nada pelas armas, tentou a politica. Dantes dizia-se: *ou armas ou lettras.* Agora diz-se: *politica e tretas.*

Fundou um jornal na Guarda. O safado biltre, que não poude fazer o misero curso dos lyceus, que não poude passar de segundo sargento, que, como segundo sargento, nem um mappa do rancho sabia fazer, arvorava-se em jornalista! E não tendo triumphado como estudante, n'um paiz onde não ha estudante besta nem cabula que, com um boccadito de geito, não faça o curso dos lyceus, e não tendo podido manter-se, como sargento, no exercito, de disciplina tão frouxa actualmente, triumphava e seguia ovante como *jornalista*. Isto define admiravelmente, mais uma vez, o jornalismo portuguez.

Como *jornalista* foi o mesmo garoto indecente, o gaiato vil que tinha sido nos lyceus e no exercito. Nem d'outra forma, verdadeiro cretino, como é, pouco mais que analphabeto, imbecil chapado, poderia *arranjar* a torpe vidinha. Não teve o menor escrupulo nem na lisonja nem no vituperio. Rastejou deante d'uns como lacrau. E n'outros mordeu com mais covardia, mais vileza, e mais peçonha que a vibora. O perfeito latrinario.

Entretanto, tinha dado cabo do patrimonio da familia. Nem pae, nem mãe tiveram coragem para impedir o desbarato da fortuna, feito pelo traste. E d'esse modo, em pouco tempo não restava um vintem dos 12 ou 15 contos de reis que o pae possuia.

Foi então que a alma do miseravel se revelou em toda a sua hediondez. Para elle, arranjou. E arranjou á farta. Se não fosse um devasso, um frascario, poço de vicios, chegaria bem para elle e para toda a familia o que pela sua vileza de rafeiro politico agenciara. Mas sendo um perdulario dissoluto, só para elle chegava. E expulsou a pobre mãe, as tristes irmãs, as desgraçadas victimas. O ladrão infamissimo!

Roubou a mãe, roubou as irmãs, o infamissimo ladrão! E, depois, lançou-as á margem. O miseravel!

A pobre mãe e as tres irmãs foram corridas para a Figueira, onde viveram uma vida difficima. De privações. De miseria. Emquanto o miseravel, para cumulo do cynismo, fingia, pela Guarda, que as soccorria! Da Figueira passaram para Coimbra, onde uma d'ellas, a mais nova, conseguiu empregar-se. E tão vil, tão canalha, que, julgando offendidos os pergaminhos, ainda levou a mal que as desgraçadas procurassem ganhar a vida honradamente pelo seu trabalho. O miseravel!

Eis o pulha, em toda a sua hediondez!

Na Guarda seduziu duas senhoras. E fazia alarde da infamia! E ainda as enchia de troças e sarcasmos!

Um miseravel! Um miseravel!

Um canalha!

Eis o coripheu teixeirista na cidade da Guarda!

Eis o paladino da quadrilha regeneradora na terra natal de Ruy de Pina!

Que immundicie! Como a politica fez d'esta patria uma cloaca!

# Pulhas todos

Prosigamos. Alonso Costa, no dizer auctorisado do não menos auctorisado marinheiro de Campos, tem uma missão historica a cumprir; nós temos outra. Alonso Costa rouba ou recepta cartas particulares e torna-as publicos; nós exhumamos podridões do Alonso e da quadrilha de que elle é chefe, quadrilha que quer á força. . . salvar a Patria!

Elle ameaça o regimen com cartas particulares roubadas e com que o regimen nada tem que ver. Nós apontamos á execração publica uma quadrilha bem autopsiada, pois que a autopsia é feita pelos mais conspicuos homens do partido em que foi recrutada a quadrilha.

Prosigamos pois, indo á nossa inexgotavel fonte de informação, a *Voz Publica*.

O que vae transcrever-se veio inserido em o n.º 3633, de 16 de janeiro, de 1902, e é como segue:

«**As ameaças da matilha (I)**

A matilha que se nos atirou ás pernas não descança. Ora ataca, ora manda atacar. Não se lucta com adversarios a quem sua fé torna nobres. Não. Lucta-se com uma data de caceteiros.

Todos os redactores d'este jornal andam sob a ameaça, continuamente repetida, de serem atacados por malandrins, ao voltar da primeira esquina.

Como a nossa redacção seja na rua de Santo Antonio, é possivel que os nossos inimigos escolham as esquinas que dão para a rua de Santa Catharina e para a Batalha. E' natural. Já lá estiveram, durante algumas horas, os guardas municipaes, a matar republicanos. Está bem e bate certo.

Chega-nos tambem a ameaça de nos partirem a machina, afim de que o nosso jornal não possa sahir.

Ante-hontem á noite vieram já a esta redacção os guardas avançados dos malandros a provocar-nos. Felizmente para elles, vinham completamente embriagados. E com uma intimação terminante, houveram por bem retirar-se.

A matilha quer morder. Pode ser que morda. Mas como não sabemos se estão raivosos tractal-a-hemos como se tractam cães damnados.

Primeiro a pau. Se resistirem, a tiro.»

Tem agora a palavra um collaborador da *Voz Publica*, que no mesmo numero acima citado, se expressa d'este modo:

«**Para a historia de um heroe**

*Coimbra, 14* — Tem sido incontestavelmente o acontecimento do dia, n'esta cidade, a aggressão traiçoeira e cobarde feita por Affonso Costa a Bruno, sendo aquelle geralmente muito censurado, pelo modo grosseiro e inqualificavel como procurou rehabilitar-se perante a opinião publica das justas e merecidas accusações que lhe estão sendo feitas na *Voz Publica*, pela penna brilhante de Bruno, uma das mais legitimas glorias do partido republicano portuguez.

Affonso Costa tem n'esta cidade profundas antipathias pessoaes, creadas principalmente na Universidade, donde o seu *pessimo caracter* se tem revelado sempre em toda a hediondez, em diversos actos da sua vida profissional, não só para com os estudantes como tambem para com os proprios collegas.

As suas innumeraveis *proezas* conhecem-nas muito bem as gerações academicas que ha cinco annos a esta parte têem passado pelos bancos da Universidade!

— Ha quatro annos, na epocha d'actos, era tamanha a animadeversão dos estudantes contra elle, por causa das revoltantes patifarias que elle estava commettendo que, receioso — *o valente!* — d'uma justa vindicta, requisitou pessoalmente, sem auctorisação do reitor da Universidade, policia civil para a sala onde se realisava os actos do 4.º anno; por signal que o reitor, sabedor d'isso, a mandou retirar pelo continuo, da sala, tendo phrases azedas para procedimento tão leviano como injustificavel, visto existir o corpo de policia academica, a quem pertence manter ordem dentro da Universidade.

Não é só, porem, na Universidade, que elle tem evidenciado o seu pessimo caracter; como republicano mesmo, elle tem offendido aqui correligionarios dos mais respeitaveis.

Em summa, se V. sr. redactor, quizer fazer a biographia do tal *passaro bisnau*, eu lhe irei dando varias notas, interessantissimas, da sua vida aqui, e que, tenho a certeza, muito ha de interessar o publico e, em especial, o partido republicano, que bem precisa conhecer o que vale tal *buiça* para se acautellar!»

. . . . . .

O resto d'este artigo é a parte que respeita a ignominiosa ratoeira armada por Alonso ao sr. Fratel e que já foi reproduzida em nosso jornal, em um numero da passada semana.

*

* *

Seguem-se outros artigos, todos interessantes, no numero da *Voz Publica* de 17. Entre esses destacam-se:

**As declarações do dr. Affonso Costa ao partido republicano; A proposta da amnistia; Para a historia de um heroe.**

Outros artigos se seguem, interessantes, em que o chefe dos bandoleiros fica escorrendo sangue e lama.

Irão indo, por dozes. Nem nos sobra o tempo nem nos abunda o espaço. O tempo para trasladar para aqui, de um jacto, a prosa de Bruno e dos que o acompanharam na dôr que o lance lhe produziu, o espaço para a tudo dar guarida nas nossas columnas. Mas tudo virá a seu tempo. E que os bandidos e a quadrilha venham dizer que os chicoteamos com anonymos ou com prosa de desqualificados!

(1) Por onde se vê que a harmonia republicana já n'esse tempo, ha 8 annos, levava as lampas á que hoje se observa. E tudo isto por causa de Affonso Costa, o da missão historica, o larapio de cartas, o herdeiro de Esteves Ribeiro, o heroe dos 20:000 bebedos da Villarinha — Nota do *Povo de Aveiro.*

**O preço avulso do «Povo de Aveiro» é de 20 reis em todo o paiz.**

# De Lisboa

*. . . Sr. Homem Christo.*

A quadrilha que pretende assaltar os cofres publicos está cada vez mais desaforada. Os quadrilheiros estão doidos furiosos, é necessario mettel-os n'um collete de forças. Só quem os ouve, quem os vê, quem os atura é que pode avaliar o estado de furia d'aquellas almas. Os homens—já se sabe quem elles são — Teixeira de Sousa, Alpoim, Arroyo, Zé d'Azevedo e Baracho! na Camara dos Pares, com Affonso Costa na dos deputados, se não lhes põem para ali já o poder, arrebentam. O argumento d'elles é que estão ha muito tempo fora e andam famintos e querem encher a pança e a dos amigos, que estão a arrebentar com fome. Arroyo então, está de todo. Até chama *traidor* ao Beirão, elle que ainda o anno passado estava zangado por o Beirão não querer ser presidente do conselho! Esta furia da ultima hora fez-me scismar e conclui logo que havia moiro na costa.

Comecei a indagar, a perguntar, a farejar; apanhei palavra a um, palavra a outro, reticencias a este, segredinhos áquelle, e por fim, como os politicos são uns linguareiros e esta Lisboa é peor que uma aldeia, tudo se veio a saber. Arroyo damnado, Arroyo apopletico, Arroyo tyranno, Arroyo energumeno, Arroyo feroz, espumante de raiva, devia estar ferido por cousa gorda. E era certo. Vamos ao caso: Arroyo quer por força ou por geito ir Embaixador para Roma, o que deixa uns bons dose continhos de reis. Berrou, barafustou, deu tratos á imaginação e julgou achar o x do problema.

Encaixou-se, metteu-se no melhor trem das companhias que ha em Lisboa e mandou bater para o Paço para fallar a El-rei.

El-rei recebeu-o com a sua proverbial afabilidade e elle pede-lhe, supplica-lhe, a sua intervenção para ser nomeado Embaixador. El-rei respondeu-lhe que não se oppunha, que se o governo lhe apresentasse o decreto promptamente o assignaria. O homem ficou radiante.

Estava vencida a primeira e a mais importante difficuldade, segundo elle julgava. Beijou a mão a El-rei, soffregamente, e marcha d'ali radiante para o Paço da Ajuda a falar a S. Magestade a Rainha D. Maria Pia que, como filha d'Italia, lhe podia favorecer a realisação dos seus sonhos d'ambição. A Senhora D. Maria Pia acolheu-o favoravelmente e respondeu que teria muito prazer em que conseguisse o que tanto desejava, e que da sua parte não haveria opposição. O homem julgou a questão resolvida.

Salta d'ahi para casa mais contente que um cuco; pelas ruas vinha a cantarolar como um rouxinol.

Em seguida procurou uma *comadre* para lhe apadrinhar junto de José Luciano a sua pretenção. Não julguem agora que a comadre era Antonio Candido, que desempenhou a primor, no tempo d'Hintze, essas funcções. A comadre agora, é outra, mais gaiteira, mais bréjeira, mais traiçoeira, mas tambem mais insignificante, a que tem desempenhado ultimamente esse papel. Lá foi aos saltinhos, aos pulinhos, á rua dos Navegantes com o recado d'Arroyo.

O sr. José Luciano, que, digam o que disserem os seus encarniçados inimigos, é uma alma bondosa, cheia de carinhos e sempre disposto a fazer o bem, esquecendo facilmente os aggravos que lhe façam, por mais sangrentos que elles sejam, disse logo que se não oppunha aos desejos do Arroyo. Parecia que estavam resolvidas todas as difficuldades. O homem já se julgava em Roma a beijar o annel ao Papa e a ostentar a sua figura na terra dos cezares.

Mas costuma-se dizer que o rabo é o peior de esfolar. E foi!

A comadre, sempre prompta a desempenhar todos os misteres d'esta e outra naturesa, por mais repugnantes que sejam, com tanto que suponha que isso lhe dá importancia, lá se dirigiu, muito ancho, ao Beirão, a transmittir-lhe o pedido do Arroyo e a dizer-lhe que tudo estava resolvido; só dependeria d'elle.

Beirão, com o sua voz melliflua, d'uma fleuma unica, sem se admirar, sem se exaltar, sereno como a mais pura agua do mais tranquillo lago, respondeu: muito bem; mas eu não faço isso nem consinto!

E não houve demovel-o.

Calculem a cara com que ficou a comadre, que empregou o melhor da sua safada rethorica para convencer Beirão, mostrando-lhe as vantagens politicas de afastar Arroyo, e contente, da camara, onde elle barafustaria, trovejaria, berraria a ponto de até fazer tremer Deus nos ceus.

Beirão continuava a responder fleugmaticamente: eu não faço isso.

A comadre lá foi rabinho entre as pernas dar a triste nova ao seu afilhado.

Arroyo ficou fulminado!

Passado o primeiro assombro, porque elle não calculava Beirão capaz de resistir, depois de vencidas as maiores difficuldades, berrou, barafustou, espumou, de raiva tigrina, e jurou que Beirão era homem perdido, que se havia de vingar, que o havia de esmagar, que o havia de reduzir a cisco, pulverisal-o, tritural-o, trincar-lhe o coração empedernido, e atiral-o, com uma bola pesada aos pés, ao fundo do occeano. Caramba!

* * *

Lá foi o homem para a camara fazer o mais truanesco discurso que as paredes d'aquella salla jámais registaram. Divertiu os collegas, divertiu os continuos, divertiu as galerias, cheias por causa dos reclames do *Seculo*, divertiu os ministros e principalmente o Beirão que com a sua fleuma habitual estava na sua cadeira de Presidente do conselho como se nada fosse com elle. Arroyo poupou todos os ministros, nem uma palavra teve para lhes censurar o mais insignificante acto.

Todas as suas furias, todas as suas bravezas, todas as suas apopleticas objurgatorias foram para Beirão. Pois se elle tinha dicto: eu não faço! Portanto só este lhe merecia o ribombar da tempestade que lhe rugia em todo o seu ser.

Faziam causa commum com elle Alpoim, principalmente Teixeira de Sousa, Zé d'Azevedo e Baracho.

Quando todos imaginavam que Beirão responderia irado e no mesmo tom, responde unicamente por dever do seu cargo, como se a catadupa de improperios que Arroyo despediu não fosse com elle. Fez um discurso d'uma grande elevação, sem se desconcertar, discurso d'um verdadeiro homem de Estado. Eu se estivesse no logar do Beirão, não tinha respondido assim. Tinha-me levantado com o mesmo apparato, com o mesmo sangue frio, com a mesma fleuma e dizia:

« Sr. Presidente: V. Ex.ª e a camara viram a furia com que o digno Par me atacou; mas o que V. Ex.ª não sabe, é o motivo do estado pathologico de S. Ex.ª.

Elle está assim tão desesperado comigo por que me mandou pedir que o nomeasse Embaixador junto do Vaticano e eu mandei-lhe dizer que não.

Tenho dicto. »

Este seria o mais eloquente discurso, o mais fulminante discurso, o mais demosthenico discurso que o sr. Beirão poderia fazer em resposta ás diatribes, improprias d'uma camara de gente grave e seria proferidas por Arroyo.

E' necessario esmagar estas viboras, com o bicco da bota, e mostral-os ao paiz, pendurados pelo rabo, para que todos vejam a asquerosidade do seu physico e a abjecção do seu moral.

O mesmo moral que impulsiona Arroyo é o mesmo que impulsiona Teixeira de Sousa, Alpoim, José d'Azevedo, Affonso Costa e outros.

Elles dizem claramente que se não deitam o governo a terra estão perdidos e, então, que jogam as ultimas para se salvarem. E' para elles uma questão de vida ou de morte, a queda do governo.

Para mim é-me indifferente que o governo caia ou fique, mas se o governo cahir e se El-rei chamar Teixeira de Sousa e a sua quadrilha, pode preparar as malas para se safar, pois senão elles o farão safar á força.

Então porque é que Affonso Costa e os da sua grey auxiliam Teixeira de Sousa, Alpoim e o resto a deitar o governo a terra? E' porque estes estão compromettidos com elles a fazerem a republica. Mas El-rei safa-se, ou, se não se safar voluntariamente, põem-no fóra á força e vae para onde lhe apetecer gozar os muitos ou poucos rendimentos que tiver. Quem fica enrascado é o paiz que tem de suportar esta magna caterva de pilhos, que o querem devorar.

*A. P.*

# Provincias

Maio de 1910

## Lagos

Muito obrigado pela deferencia de V. publicando a minha ultima correspondencia. Era effectivamente comprida, mas não podia deixar de assim ser. Como estou resolvido, por ora, a não deixar de dar um ar da minha graça sobre estes idiotas, que vegetam em Lagos, farei por encurtar as minhas correspondencias para que V. continue a fazer o favor de publica-las.

No dia dez do mez corrente, uma commissão, composta de maritimos e soldadores, acompanhada de muito povo, foi pedir ás auctoridades locaes (capitão do porto e administrador) para intercederem junto do governo para que uma armação de sardinha denominada Torr'altinha voltasse a a ser lançada no mesmo local onde estava. Esta armação foi mandada levantar, superiormente, por ter fallecido o concessionario. Se foi bem ou mal feito, não sei porque não pesco nada do assumpto, e por isso não faço commentarios. Tudo correu na melhor ordem até á entrega das representações, conseguindo, até, a commissão que o commercio fechasse todo, pois era sympatica a sua pretensão. Os buiças, que onde entram fazem asneiras, entenderam levar a desgraçada gente, enganada por certo, para a celebre virgula e ali, em especie de comicio, disseram as maiores baboseiras, taes como esta: Que os almirantes precisam degolados etc. etc. Até repugna reproduzir.

Depois d'uma petição feita em ordem apparecem os jacobinos a compromettter os desgraçados e a tirarem todo o valor á sua attitude. Creio que serão servidos, assim, por aquelle processo. Queixem-se os maritimos da canalha que os compromette e nada mais.

Na semana passada veio visitar, officialmente, esta vigararia o Bispo d'esta diocese, D. Antonio Barbosa Leão que foi recebido, como devia, por toda a gente anti-buissa, devido ao alto cargo que occupa. Os pulhas de bem, que tambem por cá os ha, esses, aos buissas, manifestavam o seu descontentamento e aos anti-buiças a sua *troçasinha mordaz mas fina*. São os taes que andam a dois carrilhos! Tambem havemos de tratar d'esse assumpto. Esses tempos já lá vão!

E' preciso que fiquem onde devem. Os pepinos de Lagos delegaram no presidente Espanta Mortos o encargo de cumprimentar o Bispo, mas, para isso, segundo me consta, pediram ordens aos patrões, ou donos, do directorio. Idiotas!

Até para praticarem um acto de cortezia têm de pedir licença aos donos!

Taes são as convicções d'esta pepinada aliás tão conhecida já! E a figura ridicula que fez o Espanta Mortos? . . . Foi de 1.a ordem!

Sobre a pepineira de cá havemos de conversar n'uma correspondencia especial. Falla-se para ahi muito nos camaristas carpinteiros e serralheiros, empreiteiros da mesma camara! Moralidade triumphante! Como lá têm tambem um ourives pepino, encarreguem-no d'uma empreitada de broches e cordões, para offerecerem, quando sahirem, ás amas dos engeitados, principalmente áquella que foi ameaçada pelo Espanta Mortos de ir para a rua, caso dissesse que joven Roberto tinha agredido o Padre. Não posso alongar-me mais para que não roube o espaço ao jornal. De futuro irá por partes alguma correspondencia maior. Entretanto chamo a attenção de quem competir para o celebre sargento d'artilharia que apregoava a revolução, a dynamite, (elle que até *d'um trovão tem medo*) antes de obter a readmissão que, a poder de lagrimas da pobre mulher, conseguiu obter!

Queixava-se de que ninguem tinha dó dos filhos quando é elle o primeiro a não a ter, manifestando-se contra as instituições em palestras e algumas conferencias. ..inda ultimamente, consta-me, voltou as costas, propositadamente, á bandeira nacional na occasião em que era arriada no commando militar de Lagos. Tenho dito por hoje.

*C.*

—†—

## Gollegã

*. . . Sr. Homem Christo.*

Nunca me tinha passado pela mente ter de o vir incommodar, a pedir-lhe nas columnas do seu intemerato semanario um pouco de espaço, para uma desafronta, se ha dias n'um infame pasquim que vi a luz da publicidade cá no burgo, elle me não viesse incommodar; publicando na secção *criticas d'um critico* e asignado com o pesudonimo José d'Abulada, uma serie de baboseiras lançadas sobre trez homens que pela sua conducta, todo o povo d'aqui estima e respeita.

Não viria porem incommodal-o se José d'Abolada que outro não é senão o redactor do mesmo infamissimo pasquim, fosse personagem que uma vêz ou outra apparecesse em algum centro de cavaco, porque fosse onde fosse, medir-lhe hia as costas com a minha bengala e marcalo-hia cortando-lhe uma orelha para despreso, infelizmente porem, o patife que não passa d'um covardão e alem d'isso tendo por certo presente, as duas tremendas tareias que ha tempos apanhou devido a insultos que a rapazes honestos d'aqui derigiu, razão porque não se atreve a sahir senão de casa para a reles typographia que é mesmo defronte da casa onde reside sendo por isso de todo impossivel medi-lo com a minha bemgala e amputar-lhe parte ou toda uma orelha.

Pelo que o malandrim diz do jornal de V. póde avaliar de que estofo é o biltre; no entanto dou a V. uns pequenos dados e mais terão de sêr se o canalha tiver a ousadia de vir depois disto offender e minha pessoa, ou os meus amigos alvejados.

Este traste já foi monarchico, como porem não passa d'um reles escrevinhador, n'unca passou de mestre escola, mas um mestre escola manhoso, corrido de todas as terras onde esteve exercendo o magisterio e da ultima que se me não falha a memoria foi Alcanede, até á pedra foi espulso; corrido enfim de toda a parte e despresado por todos e já então demitido; veio assentar arraiais aqui na Gollegã abriu uma bodega com dinheiros surripiados a uma tia da mulher, mas teve tambem de deixar o estabelecimento depois de ter caloteado meio mundo, viveu algum tempo de expedientes (como ainda hoje vive) ate que tomou de trespasse uma reles typographia, cujos trabalhos são porcos como porco e sebentão é o seu proprietario, dando então á luz um abortosinho pulha muito pulha, a que deu o pomposo titulo de Campo de Gollegã, como se os fertilissimos campos da Gollegã a nata de boas terras de Portugal, podem ter semelhança com aquelle reles pasquim, veio formar uma estiagem na falta de assignantes e o farrapo baixou e o campo odiado por todos, pouco tempo depois publicava o malandrim novo trapo dando-lhe o titulo de *Futuro da Gollegã* destino que nas mãos d'um malandro d'aquella estirpe, estava não haja duvida bem entregue se os destinos d'esta formosissima terra estivessem entregues nas suas mãos; este porem como aquelle, tem tido vida atribulada ora se publica ora a suspende e ultimamente só é publicado quando tem o traste do director de insultar este ou aquelle todos foram, pessoas sem uma unica mancha na sua vida, mas que o fajardete do redactor não poupa e só pela simples razão de não serem republicanos, como se um homem que se prese fosse fazer parte d'um partido, cujos homens em evidencia V. tem escalpelado, pondo-lhe as mazellas á mostra com mão de mestre; pois o patife do redactor do pasquim de cá, vê isso com olhos de sapo e não poupa ninguem: como V. senhor redactor vê nas *criticas d'um critico*, o biltre emquanto a mim me chama sem vergonha e me alcunha de valente, ao dignissimo professor chama-lhe suino, estupido, e que ha dez annos só tem bestialisado as criancinhas; grande malandro, pois tu meu grandissimo pulhaça, não vêz que em opposição ao que dizes, está uma população inteira de mais de seis mil almas a desmentir-te; grandissimo tratante, pois se ha funcionario que mais cumpridor seja dos seus deveres é este que mais rapazes tenha levado ao exame, bastará só dizer que a frequencia da escola é de mais de cento e vinte creanças e que este anno vão a exame do primeiro grau 12 e do segundo grau, 16 e é um refinadisimo patife que se atreve com a sua baba de reptil venenoso a chamar ignorante a um professor que tão dignamente cumpre com os seus deveres, malandro mil vezes malandro, não quero senhor Homem Christo roubar-lhe mais espaço ao seu tão intemerato jornal e por isso vou terminar prevenindo porem mais uma vez o fajardo escrevinhador de má nota que se novamente voltar a insultar-me ou aos meus amigos, alvejados por elle, terei de novamente pedir-lhe mais um pouco de espaço e pôr-lhe então á mostra as mazelas que por muito malandro e sem vergonha que elle seja ha-de por certo corar e fico por aqui

*A.*

—†—

## Moita—CARTA DO PADRE NOSSO

Os da Moita andam muito irritados por termos promettido publicar a carta do Padre Nosso. Ora, em primeiro logar todo o mundo tem direito a defender-se, em segundo logar o Padre Nosso diz que não matou o homem. Diz só que para crime de morte foi pouco . . . quatro annos de Penitenciaria.

N'isso estamos d'accordo.

Mandaram dizer a V. que eu quiz roubar queijos a um homem, e como elle resistisse que o matei. Pois isso não é verdade; deve de entender que se quizesse roubar os queijos ao homem e elle resistisse e eu o matasse não tinha só quatro annos de Penitenciaria ou seis de Africa, apanhava mas era a ultima pena, e d'esses quatro annos só estive na Penitenciaria 33 mezes; e depois sahi para a liberdade.

Vou dizer como isto foi para V. ver que é mentira o que o correspondente lhe mandou dizer. Eu estava na taberna da tia Anna do Margarido quando chegou á porta o homem dos queijos, e elle perguntou: O' ti-Anna você quer queijos? Respondeu o filho José, que andava a jogar a bola mais eu: "A minha mãe não está cá, foi a Lisboa, mas deixe ficar duzia e meia de queijos.„ N'isto venho eu e digo: "O' tio Germano, dê cá dois queijos.„ Elle, olhando para mim, disse: O' maroto, tu ainda metes falla para a minha banda? Os queijos tenho eu aqui no trosso do meu pau.„ N'isto ia para saltar abaixo do burro; eu vendo que elle me queria dar com o pau, saltei um pulo e tirei-lhe o pau da mão, e mandei-lhe uma paulada com elle, e elle foi de gangão e cahiu com a cabeça em cima de um monte de pedra aonde ficou muito ferido; n'isto elle gritou, acudiram os cabos da policia e prenderam-me e dahi fui para a cadeia do Barreiro, e do Barreiro fui para a cadeia de Aldegalega onde respondi em audiencia de jury.

E o ferido? O ferido foi para o Hospital de S. José, onde esteve trinta e cinco dias, e depois veio curado e só ao fim de uns seis mezes é que morreu. Ora já V. deve ver que não fui eu que o matei; por isso já V. vê que não sou ladrão e assassino como esse bom cidadão que o informa pretende, dizendo que eu era conhecido n'esta região por ladrão e assassino: pois eu sou conhecido mas é por um homem honrado. Tenho oito filhos e alguns já creados com o suor do meu corpo, e os que ainda não estão criados, não preciso que venha a Republica para os criar; que graças a Deus alem de ser já um homem velho ainda posso cavar com uma enchada para lhes dar de comer, com ajuda dos meus filhos mais velhos.

Pois mandou dizer o bom cidadão que o João Padre Nosso imagina que em vindo a republica que deixa de cavar ou que vae ser ajudante do Faz-tudo; pois engana-se, que eu não espero cá por isso no meu tempo, nem em tempo dos meus filhos. Agora o bom cidadão, que mandou dizer isso a V., é que imagina que por causa do Padre Nosso lêr o *Mundo* que é que vem a republica, e depois que se ella vier que tenho d'ir para ajudante do pau-negro. Pois elle escusa de ter medo d'isso que nunca a cá veremos no nosso tempo.

Viva o grande thalassa! que deshonra um chefe de familia por um crime pelo qual respondeu ha vinte cinco annos! Sou como o comêta de Haley que só apparece de 76 em 76 annos; o meu crime tambem apparece de 25 em 25 annos . . . Louvado seja Deus para sempre! . .

V. Desculpe-me se esta carta não fôr bem escripta, porque já ha dois annos que não pego na pena para escrever.

3 de junho de 1910

*João Gomes Padre Nosso*

—†—

## Villa Nova d'Ourem

Cruzes, canhoto, o que ahi vae por esse concelho!

No dia 8 correu n'esta villa, como certo, que tinha rebentado uma revolução na capital, que tinha sido deposto o governo, e que S. Magestade tinha embarcado n'um vaso de guerra.

Que o chefe republicano, d'esta villa, *o caixa de graxa*, tinha sido convidado pelo directorio, para assumir a presidencia; os magnates em grande correria, dirigiam-se ao tasco do nobre chefe, e o homensinho, (aqui empregamos este deminuitivo por lhe estar a calhar,) já se via parvo com tantas pretensões que não podia satisfazer pelos compromissos já contrahidos.

Para as pastas d'um governo provisorio já havia mil pretendentes, mas sua excellencia, *com o seu alto criterio*, já as tinha distribuido pela seguinte forma: presidencia e extrangeiros, Antonio Costa; reino, Arthur d'Oliveira Santos; obras publicas, Francisco José Góes; guerra, Joaquim Fernandes Cordeiro; marinha, Ildefonso Maria Fernandes; justiça, Joaquim Pereira; e para a fazenda, Augusto Nunes.

Ja se falla em perseguições politicas, dando-se como certas as demissões, de Paulo Cancella, Teixeira de Souza, Mello e Souza, e Antonio d'Azevedo Castello Branco, sendo indigitados para a procuradoria regia, Manuel Joaquim d'Oliveira; para a alfandega, Francisco Lopes Ferreira; para o banco de Portugal, Silvino Reis; e para a penitenciaria, Sotero Caio da Silva Neves. Consta mais que para governador civil d'este districto será nomeado Antonio Manuel Rolim e secretario geral, Idalyno Pereira; de todas estas resoluções foi dada parte ao directorio por telegramma na cifra do chefe. A' ultima hora o *Povo d'Ourem*, continua no mesmo estado melindroso, em nova conferencia descobriu-se que a doença é na espinha, hoje ás seis horas da tarde, foi affixado pelo seu incançavel enfermeiro o sr. Philippe Vieira Malico, o boletim á porta do hotel Lérias, que marcava 41.o graus de febre.

Presume-se que o infeliz leva o mesmo caminho que a sua mana: a *Voz*.

Já se trata de escolher o local para um mausuleu para os lados do Carvalhal, proximo á porta do sr. Emygdio da Graça.

—†—

## Peniche

Com armas, bagagens e cavallos acaba de passar do partido republicano para o regenerador—teixeirista o Dr. Frazão. Não deve surprehender tal acontecimento, porque o ideal d'aquelles dois partidos está hoje quasi identificado; e por isso o Dr., que é um medico habil e estudioso, mas com uma cabeça muito sonhadora de coisas grandes, põe o ramo teixeirista á porta, mas provavelmente continuará a vender pinga republicana. Ou será o caso de se ter o Dr. enjoado de certa canalha partidaria, cuja camaradagem o desacreditava? Não sei.

O que admira é que o José Accurcio esteja disposto a *gramal-o* e com elle as azas da panellinha maçonica, se estas não se despegarem. Que *grame* o Dr. ainda vá; mas que vanha a *grammar* uns certos, como o mestre escola, processado por indecente e má figura, e os filhos do taberneiro da Athouguia, irmãos do José da Valla, que são nas boccas do povo os rapazes mais *intelligentes*, mais *fidalgos* e mais *lisos* de todo o concelho, isso é que não se poderá perdoar ao José Accurcio e ao seu olhar de lynce.

Quem se ri com isto bem sei eu quem é. E' alli o pãozinho do Branco, serenissimo Provedor da Misericordia, que vae desta vez ficar vingado das bofetadas do Dr.

E em que situação ficará o Xavier Camiller, da Athougia, que já se intitulava chefe do partido regenerador local, e que na verdade é um politico tão habil e de tal propaganda, que nem as creadas o podem aturar?

Veremos no que isto fica, e depois fallaremos mais e com mais clareza.

**C.**


# O Povo de Aveiro

**Vende-se**

**Aveiro**—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

**Lisboa**—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

**PORTO**—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

**Espinho**—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

**Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata. **Guarda**—José da Silvaa.

**Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Beliz. **Villado Cano**—Antonio Martins Florentino.

**Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana Rua Roberto Ivens. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.

**Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Ceia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Moita do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

**BRAZIL**

**Rio de Janeiro**—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120.

**Manaus**—Agencia Freitas.

# O Prestidigitador moderno

Segunda edição

Segunda edição

**Augmentado** com muitas sortes novas de effeito surprehendente, e com especialidade **a dança phantastica, o Espelho encantado e uma Mulher queimada viva.**

Illustrado com mais de 100 gravuras.—Preço, 300 réis.

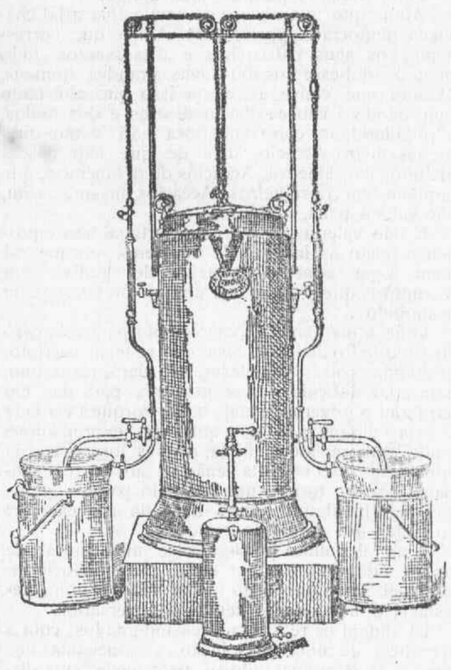
A' venda nas principaes livrarias, kiosques e tabacarias.

Deposito geral, Casa de Variedades, de J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, n.º 38, 1.º—**Lisboa.**

# A. Anselmo & C.ª

**20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20**

**LISBOA**



**Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos**

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

**A. ANSELMO & C.ª**

**LARGO DE S. DOMINGOS, 20**

**LISBOA**


**Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.**

**Preço da assignatura: 700 réis, franco de porte.**


# Anneis electricos

Contra todas as doenças nervosas, rheumatismo, impotencia e dôres de cabeça.

Preços — Annel electrico simples, 200 réis; com força dupla, 300 réis.

**Annel electro-magnetico** em double ouro a duas correntes, 500 reis; o mesmo a tres correntes, 800 réis.

**Annel electro-magnetico** a tres correntes, cinzelado em double, ouro, superior, 1$000 réis.

Remette-se a quem enviar a importancia e mais 25 réis para o porte.

Pedidos a J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, 38, 1.º—LISBOA.

# Deposito de barretes de todos os typos do fabrico d'este concelho

A mercadoria é posta á nossa custa na estação de Pombal.

**O maior deposito de adubos chimicos na região do Zezere.**

Este artigo que de anno para anno tem desenvolvido grandes vendas, pode expedir-se nas estações de Lisboa, Barreiro ou na Povoa.

Pedidos a *Manoel Rodrigues*—Largo do Adro—**Pedrogam Grande.**

# Typographia a vapor

DO

## Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro*.

# Casa de variedades

**(Unica neste genero em Portugal)**

Apparelhos de prestidigitação e interessantes novidades de Paris e Berlim.

Remette-se gratis o novo catalogo illustrado com bellos desenhos.

Pedidos a J. G. Oliveira, calçada do Garcia, 28, 1.º—Lisboa.